

Leitores e leitoras da Convergência, saudações da CRB Nacional. Prosseguindo as comemorações dos 60 anos, publicamos a mensagem da Ir. Márian Ambrosio, presidente nacional da CRB de 2007 a 2013. Ela, cujo sangue tem as cores da CRB, faz de suas recordações celebração da vida. Celebrando sempre a vida da VRC, Ir. Márian é artista da esperança, e diz: “Recordar é bom, celebrar é melhor! Construir esperança, porém, é fundamental”.

A seção Informe traz o apaixonante relato da Ir. Cristina, do Colégio Sion, em Curitiba, sobre os últimos momentos do Pe. Libanio. “A ‘casa’ corporal que acolheu o Sopro Divino está deitada, imóvel. Quanta luz! Como irradiava paz, plenitude! Serenidade. A passagem do Libanio para os braços do Pai nos deixa um vazio infinito, mas a certeza de que seu legado foi imenso e profundo. Em meio a tanta dor, sentimos um afago do Pai, que nos permitiu acompanhar os seus últimos momentos”.

O Pe. Libanio amava a VRC e a CRB. Assim como Libanio, o Ir. Paulo Petry, presidente nacional da CRB, também ama a VRC e a CRB. Por isso, no segundo texto do Informe, convida a VRC a servir o Reino em sintonia com a CRB. Escreve que: “Ser *Membro da CRB Nacional* faz-nos mais Irmãs e Irmãos entre nós! Fortalece-nos na esperança, aprofunda nossa mística, anima-nos na missão e impulsiona nosso profetismo”.

Traz, ainda, uma leitura sobre a ilustração de capa da Convergência, por Ir. Paulo Petry, autor da capa 2014. Entre muitas reflexões, diz que “nossas sombras tão somente

serão desfeitas à medida que formos capazes de buscar a fonte da luz, reconhecer o Senhor no partir do pão e anunciá-lo mundo afora com coragem, amor e vibração”.

O informe seguinte é do Pe. Alfredo Gonçalves, intitulado “O mundo como pátria”. Diz o autor que o processo de globalização vem modificando gradualmente a noção de pátria. E cita a comunidade religiosa como o lugar privilegiado para a retomada da noção de pátria.

Na seção Arte e Cultura, Pe. Plutarco acentua a necessidade da comunicação intersubjetiva no seio da Vida Religiosa. Ele lança a pergunta: “O que entendemos por *comunicação intersubjetiva*? Trata-se da comunicação que se dá entre sujeitos livres, com ideias próprias, homens e mulheres capazes de participar do processo comunicacional aportando as suas experiências de vida e acolhendo respeitosamente as experiências dos seus interlocutores, contribuindo assim para a construção de um sentido comum. E acrescenta: “Somente desse jeito seremos ‘sal e luz’ como queria Jesus Nosso Mestre e Senhor. O grande desafio, portanto, é este: comunicar, dialogar, partilhar, viver em comunhão, em “união de corações”, com açúcar e com afeto!”.

Márcia Maria de Oliveira abre a seção Artigos com o tema da CF 2014, como título “Os paradoxos do tráfico de pessoas e a indústria internacional do sexo”. Segundo a autora, “Essa talvez seja a maior contribuição da Campanha da Fraternidade de 2014: provocar na sociedade um desejo profundo de mudança, reconhecendo no tráfico de pessoas a mais perversa atrocidade cometida contra a dignidade humana na sociedade moderna e se posicionando contra a proliferação da indústria do sexo”.

Padre Nicolau João Bakker oferece o texto “Por uma espiritualidade viva que jamais estacione”. O autor discor-

CRB Nacional, 60 anos!

Recordar é bom, celebrar é melhor;
construir esperança, porém, é fundamental!

IRMÃ MÁRIAN AMBROSIO, IDP

Minhas recordações sobre a CRB remontam ao Junínter, em Curitiba, no final da década de 60 e inícios da década de 70. As marcas são inesquecíveis: conhecer o diferente, sentir-se protagonista de todas as iniciativas possíveis, apropriar-se de todas as surpresas que o contexto eclesial permitia, viver o desafio de integrar uma geração que desejava mudar o mundo! Minhas recordações não são o objetivo desta homenagem, mas é desde estas recordações que posso reafirmar o que disse tantas vezes: *meu sangue tem as cores da CRB. Recordar é bom!*

Celebrar sessenta anos é melhor! Convido minhas recordações a se transformarem em celebração da vida:

1. A mais rica originalidade da CRB Nacional em sua fundação continua a ser uma referência – *a CRB Nacional nasceu plural*. E isso não é “pouca coisa”. Mulheres e homens, religiosas e religiosos ao redor da mesma mesa, ao redor da mesma oração, ao redor dos mesmos processos e dos mesmos projetos, religiosas e religiosos ao redor das mesmas decisões, “não significa pouca coisa nem mesmo hoje”! Inserido nesta leitura plural, é bom recordar a voz do Bispo representante da CNBB no ato de fundação da CRB Nacional – Dom Helder Camara. Sessenta anos de vida e de missão consolidaram a *COMUNHÃO* como jeito de animar a Vida Religiosa no Brasil.

2. A opção construída pela CRB Nacional, ao longo de suas duas primeiras décadas, nos torna herdeiras de um jeito de ser significativo e irreversível – *a CRB Nacional motivou à encarnação da mensagem conciliar do Vaticano II à luz de Medellín*

e Puebla. Quaisquer que tenham sido as consequências desta Opção, é ela que nos dá “a cara conhecida” de nosso jeito de seguir Jesus hoje. Sessenta anos depois, celebramos o testemunho das Irmãs e Irmãos que deram sua vida em fiel profecia. E quando identificamos os sinais de esquecimento destas duas primeiras razões de nossa esperança, a Divina Providência nos dá um Papa de nome Francisco que nos acorda para acordar o mundo.

3. *Ser plural vivendo a comunhão e proclamar uma Opção Fundamental de vida* aquece nossos corações ao celebrarmos os sinais de maturidade sexagenária que percebemos: a riqueza dos processos de reflexão bíblico-teológica que cimentou cada projeto; a beleza dos processos de reflexão humano-espíritual que fortaleceu novas e relações interpessoais, intercongregacionais, intergeracionais; a audácia dos processos de reflexão missiológica e missionária que desafiou a quebrar fronteiras geográficas, humanas e sociais que possibilitaram o abraço de fé e de solidariedade a pessoas e comunidades onde a vida se encontrava em risco; a escuta atenta das experiências de itinerância entre o diferente sociogeográfico no Brasil mas, acima de tudo, as experiências vividas no Timor Leste e no Haiti revelam a grandeza das escolhas.

4. O cultivo do binômio “integração-autonomia” como forma de organizar a vida e a missão da CRB Nacional é mais uma motivação a celebrar. O país gigante que cantamos desde crianças e que provoca nosso engajamento cidadão apontou um caminho fecundo para a Vida Religiosa no Brasil – a vida acontece no chão pisado pelas pessoas, e pode ser iluminada desde a força de uma proposta sempre atualizada que marca um centro integrador e gerador de círculos vitais de permanente formação. Nacional, Regionais, Núcleos, Células: estas são as designações que sublinham a dinâmica de sustentação das propostas fundamentais da Vida Religiosa no Brasil, ao mesmo tempo que colorem com a originalidade cultural e intercultural cada projeto assumido de Norte a Sul e de Leste a Oeste. É fascinante cantar um

mesmo hino em ritmos originais e em compassos que somente um determinado “lugar” sabe fazer!

Recordar é bom, celebrar é melhor! Construir esperança, porém, é fundamental! Celebrar sessenta anos nos faz pensar que simplesmente percorremos um curto caminho longo... e a frase não é para sinalizar incoerência! É para nos alertar que um período de sessenta anos é nada se nos situamos no tempo de Deus; e é tudo, se nos situamos no tempo que Deus partilha conosco! Penso que a profecia de Jeremias confirma esta reflexão: “Coloque marcos na estrada, finque estacas para sua orientação, preste atenção na estrada, no caminho que você percorreu! Existe esperança de um futuro” (cf. Jr 31,17ss).

Desde o ponto de partida da celebração do tempo teológico dos dias passados, abrimos a cortina dos dias de amanhã ao encontro das palavras de esperança brotadas da profissão de fidelidade que nos faz irmãs e irmãos de vocação. São muitas as palavras de esperança a serem pronunciadas, uma vez que esperança é um dos nomes da fé e do amor. Entre nós, a esperança, além de nome, tem rosto.

Tenho a alegria de começar pela *palavra de esperança* que se vestiu de juventude e mostrou seu rosto durante o Congresso das Novas Gerações da Vida Religiosa (Aparecida, fevereiro de 2013). Entre tantas e intensas alegrias, os 800 jovens reunidos sinalizaram, à luz da assessoria de Irmã Hannete Havenne, 80 sinais de vida, de esperança. Vale a pena recuar até esses dias e ouvir as vozes sorridentes descreverem a Vida Religiosa que sonhavam: coração aquecido, valor absoluto, desejo fundante, Jesus, relações humildes, mistagogia, comunidade, ardor experimentado, olhar aberto, povo quebrado, ser gente, sentido positivo da cruz, autonomia, leveza...! Como estão vocês, hoje, jovens de Aparecida?

A segunda *palavra de esperança* que se tornou corpo e toma conta da Vida Religiosa do Brasil é a *Rede um grito pela vida* pela erradicação do tráfico de pessoas. A rede é um símbolo de tantas outras iniciativas e de tantos outros projetos que reinventaram o jeito de ser vida religiosa inserida. Os gritos vindos dos chamados “novos espaços de inserção”

encontraram mãos abertas e grupos corajosos de luta firmemente articulada, em defesa da vida contra a ferocidade organizada que desumaniza e comercializa a vida. A Rede se tornou uma escola de ousadia e profetismo, por adentrar espaços políticos, eclesiais, interinstitucionais e por transceder fronteiras nacionais e religiosas. Até onde podemos avançar, Vida Religiosa místico-profética?

A *palavra de esperança* que sensibiliza todo o país se chama Projeto Haiti. A comunidade religiosa missionária lá atuante é nosso símbolo de vida. Tudo lá ainda grita por mais vida, e nossas Irmãs dão à esperança o mais bonito de seus nomes – AMOR! Amor significando muito mais que uma palavra, amor com nome de roça, de pão feito em casa, de carinho, de bordado, de água, de aconchego. Analisar a relação das religiosas que desejam ir em missão ao Haiti é um privilégio, daqueles que arrepiam e encorajam. Faltam sete anos de projeto. Onde habitam hoje as missionárias que serão enviadas amanhã? Haverá religiosos nesta lista?

É preciso mencionar as *palavras de esperança* das últimas assembleias gerais da CRB Nacional: *Avancem! De olhos fixos em Jesus! Na certeza de que Ele nos ouve clamar: “Permaneço conosco”!* Podemos, sim, afirmar que a Vida Religiosa hoje vive seu momento-discipulado. No seguimento radical de Jesus, buscamos e encontramos o sentido mais profundo da vocação, sentimos Jesus que nos segue como fez em Emaús, fortalecemos o compromisso místico-discipular de anunciar o Reino, apropriamo-nos publicamente da identidade que nos distingue em comunhão eclesial. Enraizada na Leitura Orante da Palavra de Deus, reconhecemos que somos uma reserva de esperança para o mundo de hoje. O que nos dirá a XXIV Assembleia Geral?

Ao escutarmos a Vida Religiosa Contemplativa, tocamos a *palavra de esperança* que nos vem do silêncio profético que confunde o ininterrupto barulho do mundo atual. Aprendemos todos a silenciar, principalmente para dar a Deus o primeiro lugar em nossas vidas. Silenciamos para que o sagrado possa ser experimentado, cultivado, para que o mistério seja reconhecido, para que as vozes dos “nunca

escutados” possam ser percebidas. Silenciamos para que o testemunho possa falar!

É impossível finalizar este depoimento sem repetir Papa Francisco em mais uma de suas *palavras de esperança – radicais todos os cristãos devem ser, mas a Vida Religiosa é chamada a acordar o mundo!* E assim, acordados, podemos anunciar a *palavra de esperança* registrada no Ap 21,5: “eis que faço novas todas as coisas”.

Parabéns, CRB Nacional! Em sessenta anos de vida e missão, percorremos um curto caminho longo...

Momentos derradeiros do Pe. Libanio, sj

Libanio: o *kairós* que se manifestou
no *cronos* 27 de janeiro de 2014.

Nosso querido mestre e guia espiritual Libanio chega a Curitiba para mais um retiro com coordenadores e professores do Colégio Sion. Ritual sacramental vivido há quarenta anos.

Como habitualmente, chega com uma pequena maleta, cabelo bem penteado, camisa polo e calça social. Traz estampado um sorriso no rosto, palavras e gestos que marcam profundamente cada um que tem o privilégio de ouvir suas pregações, reflexões e atitudes.

Dessa vez vem fazer um retiro sobre o Evangelho de São Marcos. O esquema que preparou é mais longo que os anteriores. São 40 páginas de descobertas, informações e muita espiritualidade. Almoça com Ir. Cristina, Ir. Livia, Sandra, Magda, Juliana, Ângela. Partilha boas histórias, relembra que neste ano completa 40 anos que vem a Curitiba. Dá boas risadas, toma um bom vinho, come com parcimônia, aceita doce de leite mineiro de sobremesa. Combina uma missa para às 17h e brinca: “Antes da meia-noite, posso celebrar a qualquer horário”. Dizemos que ele deve descansar durante a tarde e ele diz “Para quê? Vou então aproveitar para corrigir o meu livro”.

Dias 28 e 29 chega até a sala com antecedência, senta em sua poltrona e estica os pés. Ele está a postos, como uma vela acesa, pronto para começar mais um encontro. Como de costume, inicia o retiro fazendo a tradicional chamada. Este ano recebe o caderno dos Associados e Amigos de Sion contendo foto e nome de cada um. Diz com seu bom humor: “Vamos começar pela introdução, depois vamos falar

sobre o tema do retiro”, mas desta vez encerra a frase dizendo: “como fiz um texto muito extenso, a conclusão não será feita desta vez, fica para um outro retiro ou termino lá do céu”. Claro que suas palavras são acompanhadas pelo riso e por seu bom humor.

A introdução gira em torno da etimologia de diversas palavras, como faz de costume, de forma que pudéssemos compreender a origem do conhecimento, o conceito primo, os fundamentos. Define e distingue os conceitos ESCATOLÓGICO e APOCALÍPTICO. Testemunha a experiência escatológica por meio de seu viver: experimenta o Absoluto no relativo da vida, trazendo sempre a esperança a tiracolo. Neste retiro, Libanio viveu a experiência apocalíptica, última e definitiva. Conta com entusiasmo as descobertas que havia feito enquanto preparava o retiro. Fala enfaticamente de Marcos como um evangelista da ação, da práxis, assim como ele, homem que veio ao mundo para servir ao próximo.

Nos intervalos toma seu café, conversa com todos e pontualmente reinicia o retiro. Entre reflexões surgem frases bem-humoradas e olhares profundos. Ao final de cada dia, a celebração litúrgica na capela agracia e coroa as palavras proferidas. Em sua última missa, celebrada na quarta-feira, fala sobre a Parábola do Semeador. Ele, que tanto semeou durante a vida. Ao colocar a túnica, Libanio se transfigura. Dele irradia uma luz profunda, as palavras são proclamadas carregadas de fé, espiritualidade e conexão com a comunidade reunida.

Dia 30 de janeiro, logo cedo – 7h – Libanio está a postos para nadar (o combinado com o professor Maurício era às 7h30). Anda pelo colégio buscando o Maurício, coordenador que sempre o acompanha na nataçã, nas caminhadas pela cidade, nas idas e vindas ao aeroporto. Ele já chegava para acompanhá-lo em mais um momento de convivência “sororal”, como Libanio gostava de falar. Nada um pouco, sente uma dor no peito. Para, caminha um pouco pela piscina, diz que não quer nadar mais, pois sentiu a mesma dor que havia sentido em BH no início de janeiro. Ao sair da

piscina, respira, estica os braços e logo se sente bem novamente. Afirma para o Maurício: “acho que é algum mau jeito que dei na água, mas já estou bem”. Conversa normalmente, sai da piscina, toma banho e segue caminhando com Maurício até próximo de seu quarto. Arruma-se, deixa tudo organizado. Ir. Livia entrega-lhe a Torah, ele faz graça pelo hebraico, ela desce a escada da casa. Ela e Ângela (anjo que cuida da casa) escutam uma respiração muito ofegante de dor, sobem correndo e lá estava ele sentado, ereto como um bom servo atento a Deus. Grande suspiro, e a vida sai pela boca, a cabeça inclinou-se para o lado – como se dissesse “Pai, em tuas mãos entrego meu espírito”.

Chega o momento do Grande Encontro. Libanio faz sua passagem. Dá seu último suspiro na companhia de Irmã Livia e da Ângela. A ajuda chega rápido, Maurício deita-o no chão com a ajuda do professor Thiago, faz massagem cardíaca e respiração boca a boca, incansavelmente. Em dois minutos chega o socorro médico. Em seguida, chega a Dra. Leda, mãe de aluno que participava de uma reunião pedagógica dentro do Colégio, para auxiliar. Realizam todos os procedimentos para reavivá-lo por 50 minutos, infelizmente sem sucesso.

Durante este processo, Ir. Cristina liga ao Pe. Palácio para avisá-lo do que ocorria. Ele telefonou ao Pe. Dionisyo para que viesse até o Colégio, e chega no momento em que os médicos atestam a morte de Libanio. Faz sua passagem em uma casa que tanto amava e com pessoas que tanto lhe queriam bem. Estava arrumado, pronto, como bom mineiro. Nadou, arrumou-se e fez algo que amava: pregou retiro, encontrou amigos queridos. O Sopro Divino já não está em sua “casa corporal”, agora é acolhida e abraçada por Deus Pai e Mãe. Todos os objetos que ali estavam tornam-se sacramentos, repletos de um valor imensurável. É preciso arrumar sua mala pela última vez. Quanta simplicidade, quanta grandeza nas poucas coisas. Duas camisas, uma calça, duas meias, sunga, touca e óculos de nataçã; alguns remédios, uma pequena “nécessaire”. As camisas ainda têm o seu cheiro. Quanta emoção!

A “casa corporal” que acolheu o Sopro Divino está deitada, imóvel. Quanta luz! Como irradiava paz, plenitude! Serenidade. A passagem do Libanio para os braços do Pai nos deixa um vazio infinito, mas a certeza de que seu legado foi imenso e profundo. Em meio a tanta dor, sentimos um afago do Pai, que nos permitiu acompanhar os seus últimos momentos.

Os amigos ficam ao seu lado até que fossem buscá-lo. Ele, que testemunhou em sua vida o perdão, a certeza de que Deus é Trino e misericordioso, estará sempre presente em nossos corações, pensamentos e ações. “Faço porque quero. Quero porque amo!” Suas palavras estão encarnadas em nossas vidas!

Agora temos a missão de dar continuidade ao seu trabalho, de continuar a semear a fé, o perdão, a convivência sororal, tornando a nossa vida um *kairós*, um tempo vivido na sua plenitude.

Quanta graça, quanta saudade!

Irmã Cristina e Comunidade Sionense
Colégio Sion
Curitiba, 5 de fevereiro de 2014.

Estimados membros e futuros membros da CRB Nacional!

A Conferência dos Religiosos e Religiosas do Brasil (CRB) foi fundada há 60 anos, mais precisamente em fevereiro de 1954. Desde então, vem animando, orientando, apoiando e representando a Vida Religiosa Consagrada (VRC) do Brasil. A CRB está intimamente em comunhão com a Igreja e mantém um relacionamento harmonioso com a CNBB. Unidos à CRB, os Institutos, as Congregações, Províncias, Inspetorias e Sociedades de Vida Apostólica podem caminhar com maior leveza e fidelidade, com mais força e comunhão na missão que o Espírito Santo nos confia como Pessoas Consagradas a Serviço do Reino.

Na vida de nossos Institutos, as Congregações, Províncias, Inspetorias e Sociedades de Vida Apostólica cumprimos somente uma pequena fração da magnífica empreitada que é a *Obra de Deus*. Nada do que fazemos é completo, é outra maneira de dizer que o Reino nos ultrapassa. Não podemos fazer tudo, e este é o sentido da libertação quando o entendemos. Isto nos anima a fazer algo e a fazê-lo benfeito. Pode ser incompleto, mas é o começo, um passo a mais no caminho, uma oportunidade para deixar entrar a graça do Senhor e que ele faça o resto.

Podemos lançar sementes de forma solitária, como se o serviço do Reino dependesse somente de nossa Instituição Religiosa; podemos fazê-lo junto com outra Congregação ou Comunidade; o certo é que, lançando as sementes juntos, como *Membros da CRB Nacional*, teremos um jardim mais colorido e perfumado, mais parecido com o jardim

original, o jardim do Éden. Juntos, como *Membros da CRB Nacional*, continuaremos sabendo que somos todos/as obreiros/as, não responsáveis pela construção; ministros/as, não Messias. Somos profetas e profetisas de um futuro que pertence a outros. *Vamos construir o presente e o futuro com responsabilidade, coragem e entrega.*

Por tudo o que afirmamos, é essencial que todos os Institutos, Congregações, Províncias, Inspetorias e Sociedade de Vida Apostólica sejam Membros da CRB. Além disso, destacamos algumas razões:

- O sentido de pertença proporciona uma melhor visão da missão confiada à Vida Religiosa Consagrada, e dá uma maior projeção, segurança e proteção às Instituições. São mais de 30 mil Religiosos e Religiosas em comunhão com a CRB. A CRB Nacional defende os direitos da Vida Religiosa Consagrada (VCR), sempre que necessário e sempre que solicitada.

- A CRB motiva a consagração, a fidelidade, a mística e a missão. Representa a VRC em âmbito nacional e internacional.

- Em cada triênio, a CRB ilumina e orienta o caminhar da VRC com um Horizonte e Prioridades.

- A CRB oferece subsídios, livros de diversas áreas e a *Revista Convergência* para a formação continuada dos Religiosos e das Religiosas.

- A CRB oferece também eventos para a formação dos Religiosos e Religiosas: CERNE, PROFOLÍDER, CONFIAR, PROFORMAR, SESBI, Seminários e Congressos, entre outros.

- A CRB apoia e incentiva as missões locais, regionais e nacionais, promovendo a evangelização e o crescimento da Igreja Católica.

Rim r9is e 66(o)-80.ciae da d5.5(d)-25.(e)0.5(6)-25.(e)0.5(6)V14cna do80.cos tlica6ncentva a22(r)7.6(o)-g9 s e fa a22(r)7.7(c)474rem ev5.5(o)8.8(9)m -27(i)

A caminho de Emaús, duas pessoas encontram o Senhor ressuscitado. Seguem pelo caminho a conversar sobre temas variados. Muitas vezes seguimos pelos caminhos deste mundo conversando também. Quanto há de lamentação em nossos diálogos? Quanto há de esperança? Seguimos o discurso da derrota, percebendo apenas os caminhos interrompidos, ou somos capazes de perceber que a nova luz, trazida pelo Ressuscitado, ilumina o horizonte? Estamos abertos para uma formação continuada que nos prepare para a missão, para a vida em comunidade e para um estar constante na presença do Senhor?

Caminho interrompido pela morte torna-se outra vez caminho de vida quando reconhecemos a presença do Senhor da Vida, vencedor da morte e de todo mal.

A capa da *Convergência* procura, de forma caricata, apresentar o caminho interrompido, que se torna contínuo, que se torna via de acesso a um novo horizonte, após o encontro dos/as discípulos/as de Emaús com Jesus ressuscitado.

Ressalta o triângulo os três espaços na parte superior e as três figuras humanas na parte inferior. As três partes superiores, embora separadas, conformam uma única paisagem. Temos, por outro lado, o triângulo que contém uma única paisagem e revela a casa à beira do caminho, símbolo da acolhida e também do envio dos/as discípulos/as missionários/as. Finalmente, a parte inferior nos dá a “segurança insegura” de um chão firme onde podemos fincar o pé. Podemos dizer “segurança insegura” pois o chão que pisamos, embora essencial e necessário para manter-nos de pé e

sustentar nossa caminhada, deve constantemente ser avaliado para ver se estamos no caminho que nos conduz à luz, ou se devemos mudar de rumo para evitar de andar nas trevas.

Apenas a figura humana da esquerda tem uma aura de luz própria, capaz de desfazer a escuridão da morte. É para esta figura de luz que se dirigem as outras duas ainda trazendo consigo suas sombras.

Nossas sombras tão somente serão desfeitas à medida que formos capazes de buscar a fonte da luz, reconhecer o Senhor no partir do pão e anunciá-lo mundo afora com coragem, amor e vibração.

Ao ser encontrado e reconhecido o vencedor da morte, o Senhor da Vida, este como que desaparece, e nós, alimentados por Ele, seguimos mundo afora, passando de casa em casa rumo a novos horizontes, para revelar a beleza, a grandeza, a bondade e a alegria de sua presença no meio de nós.

Permanece conosco, Senhor, Pai, Filho e Espírito Santo. Permanece conosco, Trindade. Permanece conosco, Deus comunidade para que, na abertura ao outro, aprendamos a agir de forma intercongregacional, assumir a missão em comunidade e proclamar a grandeza de vossa presença no meio de nós.

Irmão Paulo Petry
Presidente Nacional da CRB

O processo de globalização, que se acentua a partir dos anos de 1970 e se estende pelas primeiras décadas do século XXI, vem modificando gradualmente a noção de pátria. “Minha pátria é a língua portuguesa”, dizia o poeta Fernando Pessoa. Dom J. B. Scalabrini, bispo de Piacenza, Itália, por sua vez, sustentava, no final do século XIX, que “para os migrantes a pátria é a terra que lhes dá o pão”. O mesmo bispo, considerado “pai e apóstolo dos migrantes”, acrescentava que o fenômeno migratório funde e aperfeiçoa as civilizações, amplia o conceito de pátria para além dos confins materiais, tornando o mundo a pátria do homem.

A emergência histórica dos estados nacionais amadurece junto com a modernidade e consolida-se com a Declaração da Independência dos Estados Unidos (1776) e com a Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão (1789), dois documentos que nascem, respectivamente, com a guerra da independência, nas terras novas de além-mar e com a Revolução Francesa, no velho continente. Chegava-se, assim, ao ápice de um longo percurso, em que a subjetividade e a individualidade, que cresceram gradualmente desde o renascimento, o humanismo e o iluminismo, desembocavam na consciência de uma cidadania autônoma frente ao Estado.

O conceito de pátria, nação e cidadania, particularmente na Europa, nascia estreitamente vinculado a uma certa homogeneidade não só física e territorial, mas também linguística, histórica e cultural. De fato, se tomamos a França e a Inglaterra como dois exemplos clássicos, língua, território, história e cultura unificam a população numa certa origem

comum. Semelhante origem homogênea vinha reforçada pelo cimento religioso, católico num caso e protestante no outro. Resulta que o conjunto da população se reportava a uma trajetória que, apesar de não poucas tensões, guerras e adversidades, constituía uma referência nacional.

A forte emigração europeia em direção às Américas, como também à Austrália e Nova Zelândia, no decorrer do século XIX e primeiras décadas do século XX – os historiadores estimam em mais de 60 milhões o número de pessoas deixaram a Itália, Alemanha, Grã Bretanha, Polônia, Irlanda, Espanha, Portugal, etc. – a bem dizer, inaugura uma nova concepção de pátria. Nesta, “a terra que dá o pão” toma o lugar da terra natal como referência de solo pátrio. Nos países de destino os imigrantes se mesclam numa população que, longe de contar com um passado comum, constitui-se a partir de uma origem fortemente heterogênea, quer em termos territoriais e históricos, quer de um ponto de vista linguístico e cultural.

Tal componente heterogênea da população, entretanto, acentua-se nos dias atuais com a maior intensidade, complexidade e diversidade do fenômeno da mobilidade humana. Esta, de fato, corta raízes, rompe fronteiras e, em perspectiva geográfica, desloca inteiras massas humanas. Ao mesmo tempo, porém, as desterritorializa, dissociando-as de um determinado lugar físico. Não é fácil expor as raízes ao sol, digamos assim, mas, uma vez desenraizadas, as pessoas ou famílias se encontram mais predispostas a novos deslocamentos, bem como a “optar” por uma nova pátria, desde que garantam ali uma sobrevivência mais ou menos adequada. Isso não obstante a saudade das origens e o sonho do retorno. Saudade e sonho que, de resto, aparecem como uma das características mais recorrentes nas “histórias de migrantes”.

De um ponto de vista antropológico e sociocultural, a comunidade religiosa figura muitas vezes como um lugar privilegiado para a retomada da noção de pátria. Ali, no espaço da Igreja, o migrante reencontra seus conterrâneos, às vezes consegue reunir a família dispersa, refaz laços

antigos e costura novos relacionamentos. Esse espaço inicial é condição básica para uma integração menos traumática e menos demorada. Idioma, expressões culturais do país de origem, devoções populares, festas religiosas ou patrióticas e visão de mundo de alguma forma unem pessoas e famílias que a migração havia temporariamente separado. Se, num primeiro momento, o imigrante conta predominantemente com o suporte dos parentes, amigos e familiares mais próximos para “conhecer e entrar” na nova realidade, num segundo momento a comunidade religiosa pode ser-lhe de grande ajuda, tanto para o encontro/reencontro quanto para regularizar a situação .

Em geral a comunidade vai ao encontro não somente das suas necessidades culturais e/ou religiosas, mas também ajuda o imigrante no árduo e constrangedor processo de documentação, na assistência jurídica e às vezes imediata, como também na busca de trabalho, habitação, escola para os filhos e outras incumbências. Não sem razão alguns imigrantes concluem que “o coração de Jesus” – referindo-se aos espaços, encontros, celebrações comunitárias e à boa aceitação – “é a pátria dos que estão longe de sua terra e de sua família”. Os recém-chegados sabem da comunidade através de uma rede capilar de informações, a qual, por outro lado presta grande serviço à coesão e à defesa do grupo, especialmente quando se desencadeiam ondas de discriminação, preconceito, xenofobia ou até perseguição aberta.

Não são poucos os casos em que pessoas, famílias ou grupos inteiros encontraram na respectiva Igreja um trampolim para a integração no país de destino. Tropeçamos, deste modo, com um aparente paradoxo. Por uma parte, os imigrantes utilizam a religião para reencontrar-se e reconstituir-se como povo, recordar seus costumes originais, degustar comidas típicas, celebrar as próprias datas festivas e sentir-se “em casa”, enquanto população etnicamente homogênea, mas estrangeira. De outra parte, utilizam a Igreja também para inserir-se na sociedade heterogênea que os recebe e onde terão de viver. Há aqui, inegavelmente, um duplo instinto de sobrevivência: devem garantir-se quanto

às necessidades básicas, proteger-se frente a uma eventual hostilidade (que não raro se torna real, rancorosa e racista) e, ao mesmo tempo, mantêm-se atentos a todos os meios que os levem a integrar-se de forma mais rápida e positiva, tanto no mercado de trabalho quanto no convívio com outros grupos étnicos.

De forma consciente ou inconsciente, implícita ou explícita, o conceito de pátria torna-se um instrumento duplo, simultaneamente de coesão e integração. Duplo e não despido de certa ambiguidade. Com referência ao país de *origem* e ao passado comum, a noção de pátria serve como união, defesa e reforço dos laços primários de nascimento, parentesco, língua, história e cultura; mas à medida que, de forma mais ou menos definitiva, passam a habitar o país de *destino*, e com respeito ao futuro, a mesma concepção de pátria adquire um significado diferente. Representa uma forma de reivindicar os direitos básicos de um cidadão em toda a sua dignidade. Pátria então torna-se direito à cidadania. E esta se abre ao leque mais amplo de toda e qualquer nação onde o migrante chegue e se instale. “*We are America*” – lia-se numa faixa exibida por uma multidão de migrantes hispano-americanos em protesto pelas ruas de Los Angeles.

Pe. Alfredo J. Gonçalves, CS

Com açúcar e com afeto!

PE. PLUTARCO ALMEIDA, SJ*

1. Uma história muito comum

Aconteceu numa certa Congregação Religiosa que o Padre Fulano foi hospitalizado em estado gravíssimo e os seus irmãos de VR, os que não residiam na mesma comunidade, só tomaram conhecimento através de terceiros. A notícia chegou meio truncada, incompleta. Alguns irmãos procuraram informações junto à Cúria, que simplesmente não sabia de quase nada. Dias após a internação, ele veio a falecer, mas foi depois de muito tempo que o boletim eletrônico da Província decidiu comunicar o acontecido sob a forma de um belo necrológico. Os Religiosos, sobretudo aqueles que tinham maior aproximação com o Padre Fulano, ficaram muito chateados, e os comentários nas Comunidades em geral, como era de se esperar, não foram dos melhores. Um grande mal-estar foi criado.

É bom que se diga que essa Congregação não é assim tão pobre, não. Pelo contrário, a Cúria da Província dispunha de todos os aparatos tecnológicos e, portanto, aptos a divulgar o fato com rapidez e credibilidade. Porém, suspeita-se que os membros do governo estavam mais envolvidos com as suas comunicações particulares, através das redes sociais, do que propriamente em fazer circular as informações que interessavam a todo o corpo, ou ao conjunto daquela Família (?) Religiosa. Quem visitasse o Facebook encontraria uma porção desses Religiosos postando fotos, comentários e informações as mais diversas, porém em grande parte apenas para a sua autopromoção ou exaltação do seu círculo de

* Pe. Plutarco Almeida, sj é diretor do CAC – Centro Alternativo de Cultura (Belém-PA). E-mail: plutarcosj@gmail.com.

amizades fora da Congregação, especialmente, nada mais. Era como se os “de casa” não existissem ou pouca importância tivessem de fato.

Será que essa Congregação não tinha nenhum projeto de comunicação pensado e organizado para suprir as demandas internas, ou seja, fazer circular as informações corretamente, ainda que fossem as mais básicas, entre os seus membros? Talvez até as suas grandes obras (colégios e universidades, por exemplo) possuíssem os seus planejamentos e as suas estruturas de comunicação, mas internamente parece que não. Tudo indica que os fluxos de informação eram bastante limitados e ocorreriam apenas em pequenos âmbitos, as tristemente famosas “panelinhas”. Poucos Religiosos, os mais “chegados” ao Provincial, quem sabe, tinham conhecimento de tudo, ou quase tudo o que acontecia por ali. O restante devia ficar mesmo por fora dos processos. As notícias, evidentemente, chegariam por meio de outras pessoas e, é claro, nem sempre os fatos seriam relatados com fidelidade. Quando o boletim da Província chegava, a fofoca já haveria de estar circulando à vontade, e a verdade dos fatos tremendamente prejudicada. Dá para imaginar os danos que isto acarretava para a Congregação?

2. Do que estamos falando?

Não estamos falando de comunicação enquanto aparelhos tecnológicos e sim enquanto processos interativos capazes de dar sentido às nossas vidas. Ora, aqui tratamos daquela comunicação básica entre os membros de qualquer grupo humano. É até lugar comum dizer que nenhum grupo pode ser considerado verdadeiramente humano se não existem canais suficientes de comunicação ou se eles, por algum motivo, encontram-se obstruídos. Somos humanos na exata medida em que nos comunicamos, trocando valores, ideias, sentimentos. Entendendo que a VR deveria ser um exemplo DE humanidade PARA a humanidade, e essa questão não pode ser tratada de modo diferente. Se levarmos em conta as diversas situações geográficas e culturais em que

os(as) Religiosos(as) estão trabalhando, a necessidade de nos comunicarmos (para sermos mais humanos) é ainda maior e até mais urgente.

Sabemos que existem Comunidades Religiosas afastadas umas das outras por milhares de quilômetros e em contextos culturais bem distintos. Não raramente esses nossos irmãos e irmãs que moram no interior, por exemplo, se sentem isolados do restante da Família Religiosa. Por isso, a necessidade de partilhar a vida e a missão é muito grande. Comunicar, interagir é algo imprescindível! Dessa partilha, dessa comunicação, dessa interação surge o gás, o ânimo, o combustível necessário para que o dinamismo da própria missão apostólica não morra e a chama da fé não se apague. Sentir-se membro efetivo de um mesmo corpo, todo ele a serviço de uma mesma missão evangelizadora, é o que dá sentido verdadeiro à vocação. Eu não sou Religioso(a) sozinho(a). Isolados(as) morreremos! Eu sou eu e meus/minhas companheiros(as), mesmo aqueles(as) que se encontram distantes fisicamente, porém unidos(as) pelos mesmos laços de amor e de entrega radical a Jesus Cristo e ao seu povo.

Santo Inácio de Loyola, logo no início da Companhia de Jesus, insistia naquilo que ele chamava de “união de corações”. Para Inácio era fundamental estar em contato permanente com os seus irmãos, ainda que a comunicação naquela época fosse precaríssima. As cartas que Francisco Xavier recebia de Inácio, por exemplo, eram guardadas, costuradas na roupa, em cima do peito esquerdo! Desse modo os laços fraternos que ligavam os primeiros “Companheiros de Jesus” consolidavam-se em forma de partilha de vida (comunicação) e isso fortalecia as missões que recebiam, todas elas muito desafiadoras como sabemos. Não pensem que aqui se tratava de um gesto romântico ou sentimentalista. O conceito “união de corações” para Santo Inácio e seus companheiros não era algo retórico, mas uma peça-chave na construção da Companhia. Sem isto, quer dizer, sem estarem em comunicação efetiva e afetiva entre si, os Jesuítas não poderiam realizar a sua missão na Igreja e no mundo. Além disso, em estreita relação com a experiência da “união

dos corações”, um outro conceito muito caro a Santo Inácio, o de “Amigos no Senhor”, tem a ver também com essa necessidade de comunicação, de partilha permanente entre os companheiros, estivessem onde estivessem. Só eram verdadeiramente amigos porque se comunicavam e partilhavam vidas e missão.

É disso que estamos tratando aqui, da “união de corações”. Ninguém poderia imaginar que um dia a humanidade seria capaz de inventar esse “mundo novo” em que hoje vivemos. Tudo se tornou bem mais fácil. No entanto, malgrado as imensas dificuldades que enfrentou, podemos dizer que Inácio de Loyola elaborou um “projeto” de comunicação para o seu grupo. Mais ainda: ele teve vontade política e coragem suficiente para efetivá-lo. Não seria, portanto, loucura afirmar que em certo sentido a Companhia de Jesus cresceu e se expandiu graças a esse “projeto” inicial do seu Fundador, projeto este que contemplava a comunicação não como acessório, mas como elemento central do seu carisma.

3. *Contradições do tempo atual*

A sociedade tecnologizada tem lá suas contradições, como muitas coisas nesta vida. Vejam só: hoje em dia nos gabamos de sermos pessoas “plugadas”, “antenas”, “conectadas” com tudo o que acontece no mundo. É só abrir a tela, seja do computador, do smartphone, do tablet, para acessarmos de imediato milhões e milhões de informações, muitas vezes em tempo real. O acesso à informação, antes um privilégio, hoje é algo relativamente simples. A internet, apesar das dificuldades operacionais e das dores de cabeça que as nossas operadoras costumam provocar nos seus usuários, já está bastante difundida, inclusive entre as camadas mais humildes da população.

Mas, enfim, onde está mesmo a contradição? A contradição principal reside no fato de que o surgimento da rede mundial de computadores (www) e a conseqüente invenção de aparelhos cada vez mais sofisticados não foi suficiente

para que a comunicação entre nós acontecesse da forma que esperávamos (ou esperamos ainda).

Voltando ao nosso exemplo, aquela Congregação possuía boa estrutura tecnológica, mas provavelmente não tinha um projeto concreto de comunicação. Talvez não faltassem recursos técnicos, mas havia carência de projetos de comunicação ou vontade política suficiente para realizá-los.

O certo é que hoje não basta a VR possuir aparelhos simples ou “top de linha”, é necessário elaborar projetos que possibilitem uma maior e melhor comunicação interna para que as informações circulem e promovam uma interação positiva em nossas instituições. Evidentemente, para se ter projetos de comunicação é preciso que se tenha vontade política. Parece que nos falta exatamente isto, vontade política! E o que é que entendemos aqui por “vontade política”? Simples: discernir comunitariamente, tomar decisões e procurar os meios mais eficazes para que elas se tornem realidade. Em quantas reuniões, assembleias, capítulos da nossa Congregação ou Instituto discutimos o tema comunicação? O que foi que resultou concretamente? Por acaso os projetos sugeridos, discutidos e aprovados foram realizados? Quantas “boas intenções”, por isso ou por aquilo, ficaram no meio do caminho? Quantas comissões, quantos grupos de trabalho (GT’s) foram criados para equacionar os problemas da comunicação interna e buscar soluções? Qual foi o resultado afinal? O mais paradoxal sem dúvida é perceber, a esta altura, que de lá para cá trocamos de equipamentos diversas vezes, postamos milhares de coisas nas redes sociais, mas a comunicação entre nós e na VR, aquilo que de fato nos enriquece pessoal e comunitariamente, via de regra, não melhorou nada ou quase nada.

4. Comunicação organizacional

Para iluminar o assunto que estamos abordando, vale a pena conhecer, ainda que de modo bem sucinto, alguns conceitos da chamada comunicação organizacional. E quando falamos de comunicação organizacional não estamos

fazendo menção apenas à comunicação que se verifica no mundo empresarial. Nos dias de hoje é ponto pacífico que todo e qualquer grupo humano organizado, sejam quais forem as finalidades a que se destina, necessita trabalhar a sua comunicação, quer dizer, necessita estabelecer fluxos informacionais e relacionais dentro e fora de si mesmo. A comunicação, portanto, reveste-se de uma importância vital para a própria sobrevivência da instituição. É claro que isto vale também para as organizações religiosas.

Fluxos informacionais e relacionais são dois conceitos utilizados pelas pesquisadoras Ivone de Lourdes Oliveira e Maria Aparecida de Paula que afirmam que o objeto de estudo da comunicação organizacional são os

processos comunicacionais entendidos como atos de interação planejados e espontâneos que se estabelecem a partir dos fluxos informacionais e relacionais da organização com os atores sociais que atingem e/ou são atingidos por sua atuação. Os fluxos informacionais representam todas as ações e instrumentos utilizados para veicular informações. Já os fluxos relacionais são oportunidades de interação e encontro entre organizações e atores sociais.¹

Também a VR precisa criar os seus próprios fluxos informacionais, ou seja, canais por onde circulem satisfatoriamente as informações importantes para o bom êxito da sua missão. Por outro lado, como não vive para si mesma, mas para o serviço ao povo de Deus, as pessoas Consagradas precisam também estar atentas ao relacionamento com os demais grupos humanos.

Deixemos, no entanto, para uma outra oportunidade a discussão a respeito dos fluxos externos (“extra muros”). O que nos interessa mais de perto neste momento é levantar a reflexão sobre os *fluxos informacionais* que ocorrem internamente em nossas instituições (“intra muros”).

A partir do exemplo prático com que iniciamos este artigo, queremos provocar o debate. Tratava-se aparentemente de uma simples comunicação de doença, então por que esse

1. OLIVEIRA, Ivone de Lourdes; PAULA, Maria Aparecida de. *O que é comunicação estratégica nas organizações?* São Paulo, Paulus, 2. ed. (2008), p. 21.

mal-estar todo? Quem sabe, talvez esse comunicado não tenha sido feito por algum motivo grave, plenamente justificável. Com certeza a Cúria da Província saberá explicar o que aconteceu. Tudo bem! Alguém poderá achar que o exemplo é pequeno e banal, mas acreditamos que aqui se trata de um sinal ou de um sintoma de algo maior, ou seja, de como efetivamente circulam (ou não circulam) as informações em muitas Congregações e Institutos hoje. Mesmo com todos os seus limites, o exemplo pode nos ajudar a refletir sobre a questão da IN-comunicação que tantos prejuízos tem causado a uma boa parte da VR. As limitações do nosso exemplo não anulam a sua validade.

5. Comunicação dialógica

É contraditório falar de uma “comunicação dialógica”, pois todo processo comunicacional necessariamente deve ser um processo dialogal. Mas isso, na realidade, nem sempre acontece. Às vezes o que algumas pessoas entendem por “comunicação” não passa de uma imposição de valores, crenças, “verdades” proclamadas sem nenhum respeito às diferentes opiniões, sem direito ao contraditório, enfim. Por isso mesmo precisamos frisar o sentido dialogal da comunicação, de toda e qualquer comunicação. Faz-se necessário destacar o diálogo como uma espécie de DNA de todo processo comunicativo.

Ivone e Maria Aparecida esclarecem o que seria um modelo de interação comunicacional dialógica:

o modelo valoriza a comunicação intersubjetiva entre interlocutores, baseada em exposição de ideias e pontos de vista, na argumentação e no debate de aspectos e decisões que atingem as partes envolvidas.²

Vamos por partes. O que entendemos por *comunicação intersubjetiva*? Trata-se da comunicação que se dá entre sujeitos livres, com ideias próprias, homens e mulheres capazes de participar do processo comunicacional aportando as suas

experiências de vida e acolhendo respeitosamente as experiências dos seus interlocutores, contribuindo assim para a construção de um sentido comum. A VR por certo deveria ser um espaço privilegiado para esse tipo de comunicação. O problema é que muitas vezes os(as) Religiosos(as) são tratados como crianças (ou têm comportamento de criança) o que inviabiliza completamente qualquer tipo de comunicação nesse nível. Não dá para conversar com pessoas que não sabem expor suas ideias e sentimentos de forma mais ou menos madura e equilibrada. Não dá para estabelecer uma comunicação positiva numa Comunidade Religiosa onde predominam os sentimentos mais rasteiros (inveja, ciúme, rancores). Da mesma forma é impossível desenvolver e alimentar fluxos de comunicação quando os atores do processo não desejam construir um sentido comum a partir do diálogo verdadeiro e sim através da imposição pura e simples das suas ideias.

6. O grande desafio

Numa sociedade dependente dos recursos tecnológicos, onde as informações circulam velozmente, mas nem todas as pessoas têm acesso a elas, a VR poderia ser um exemplo de partilha generosa. O mundo que fala tanto em inclusão é o mesmo mundo que marginaliza milhões e milhões de pessoas. Inseridos nesta sociedade e atentos aos “sinais dos tempos”, como pede a Igreja, os Religiosos e as Religiosas têm diante de si o desafio de construir relações dialogais exemplares. Somente assim, dinamizando cada vez mais os seus fluxos comunicativos, a VR poderá ocupar o seu espaço na vida das pessoas e das demais instituições. Somente desse jeito seremos “sal e luz” como queria Jesus Nosso Mestre e Senhor. O grande desafio, portanto, é este: comunicar, dialogar, partilhar, viver em comunhão, em “união de corações”, com açúcar e com afeto!

Os paradoxos do tráfico de pessoas e a indústria internacional do sexo

MARCIA MARIA DE OLIVEIRA*

Com o tema: “Fraternidade e Tráfico Humano” e o lema “É para a liberdade que Cristo nos libertou” (Gl 5,1), a Campanha da Fraternidade desafia a sociedade a refletir sobre o sofrimento de milhares de pessoas que vivem essa dramática situação mundo afora. Trata-se de um tema ainda muito obscuro e envolto em muitos tabus, pouco acionado no debate público e evitado nas rodas sociais, ora por envolver, ora por se tratar de um crime praticado contra as classes mais desfavorecidas da sociedade, ora por movimentar um setor da economia mundial que atualmente representa uma das maiores lucratividades no mercado internacional na chamada “indústria do sexo”.

Vários grupos humanos estão na mira das redes de traficantes que agem praticamente em todos os países do mundo. Entretanto, o grupo de maior interesse, sem sombra de dúvidas, é constituído por mulheres destinadas ao mercado sexual. A cada ano, milhares de mulheres são submetidas à prostituição, que atualmente representa o setor mais lucrativo das redes do tráfico humano. Para a antropóloga portuguesa Ana Lopes (2006, p. 29-34), envolto à prostituição, o mercado, cada vez mais, adéqua novos produtos e mercadorias, ao que ela denomina de “realidades múltiplas” da indústria do sexo enquanto indústria global.

Nessa perspectiva, é ingênuo pensar a prostituição de forma isolada porque, cada vez mais, a indústria do sexo se apropria da atividade de troca de serviços sexuais por dinheiro ou bens materiais inserindo-a em outros nichos do mercado, como as casas especializadas na comercialização

* **Márcia Maria de Oliveira** é mestre em Sociedade e Cultura na Amazônia; aluna do Máster Oficial y Doctorado en Género identidad y Ciudadanía – Universidad de Huelva – Espanha; aluna do Doutorado Sociedade e Cultura na Amazônia – PPGSCA – Universidade Federal do Amazonas – Brasil.
E-mail: <marcia-gepos@hotmail.com>. Fone: (92) 9616-4637.

da prostituição, as chamadas casas noturnas, clubes de *strip-tease*, bares e boates. Somam-se a esse mercado o controle da prostituição de rua, os filmes eróticos e pornográficos, as publicações de revistas e a diversidade de imagens, as casas especializadas em moda e brinquedos eróticos ou “sex shops”.

De acordo com Ana Lopes (2006, p. 34), o mercado pornográfico diversifica cada vez mais a oferta de produtos e mercadorias envolvendo companhias de linhas telefônicas, sites eróticos e os classificados nos jornais e revistas de grande circulação. Para a referida autora, parece que existe um pacto de silêncio envolto em tabus que impede a discussão de conceitos como os de “pornografia”, “profissional do sexo”, “trabalho sexual”, “clientes”, entre outros, num contexto marcado pela exploração e marginalização de homens e mulheres em sociedades que, no mínimo, permitem a ação criminosa de máfias internacionais ligadas ao crime organizado. Esse pacto de silêncio pode ser considerado uma cumplicidade ou conivência da sociedade e do Estado que, ou ainda não compreendeu a gravidade do assunto, ou prefere se omitir e tirar proveito da situação de milhares de pessoas submetidas à condição de trabalho análogas à escravidão ou à sevícia da exploração sexual comercial.

Partindo dessas poucas pistas de análise, podemos identificar muitas variáveis que podem vir a contribuir para uma maior compreensão sobre o tema do tráfico de pessoas. Para alguns estudiosos e agentes públicos, além do pacto de silêncio, o tema é considerado como algo secundário, de pouca relevância ou como roteiro de filme de ficção, não devendo merecer, por parte do Estado e da sociedade, a devida atenção.

Há também estudiosos que tentam entender a temática levando em consideração o seu paralelo com o tráfico de drogas e tratando-o de forma muito similar. Com isso, quase sempre, criminalizam as vítimas e dificultam um possível papel do Estado no reconhecimento da situação inviabilizando as possíveis políticas públicas de prevenção e enfrentamento.

1. Se o Estado não consegue estabelecer políticas eficazes de enfrentamento a esse tipo de delito, ele se torna permissivo ou conivente.

Entretanto, há estudos² que nos convidam a aprofundar o tema levando em consideração elementos que nos possibilitam uma análise mais aprofundada da questão, tendo como ponto de partida o entendimento acerca da dinâmica de funcionamento da indústria do sexo que representa o setor com o maior crescimento econômico num contexto de grande crise econômica mundial.

Na atualidade, um dos principais estudiosos que se alinha e essa perspectiva é o sociólogo Richard Poulin³ que nos convida a entender o crescimento da indústria do sexo na perspectiva do crescimento da prostituição ou, o que é pior, o aumento da sujeição das pessoas à prostituição, seja por fatores econômicos, seja por fatores de ordem social, política e cultural.

Segundo Richard Poulin, o crescimento da prostituição vem gerando uma indústria sexual de dimensões mundiais, que representa uma verdadeira potência econômica que representa “5% do produto interno bruto da Holanda, 4,5% na Coreia do Sul, 3% no Japão e, em 1998, a prostituição representava de 2% a 14% do total das atividades econômicas da Indonésia, Malásia, Filipinas e Tailândia”.⁴

De acordo com essas cifras internacionais, a prostituição deixa de ser vista como uma atividade individual e autônoma e passa a ser entendida como um problema da sociedade moderna, que criou e permitiu o crescimento da indústria do sexo. Essa indústria se transformou em uma modalidade de mercado que se sustenta à custa da exploração da dignidade de milhares de pessoas, especialmente mulheres e crianças. A convivência ou a permissão ao crescimento de tal indústria representa uma das mais graves formas de violação aos direitos humanos num contexto mundial, onde a prostituição está diretamente relacionada às estratégias de consumo, à exploração e às lógicas análogas à escravidão. Segundo Richard Poulin⁵ (2009), os indivíduos estrangeiros prostituídos situam-se no nível mais baixo da hierarquia prostitucional, são social e culturalmente isolados e exercem a prostituição nas piores condições possíveis, sendo ao mesmo tempo submetidos a diferentes formas de violência,

2. Nos quais eu me incluo de forma muito modesta.

3. Professor titular da Universidade de Ottawa. Recentemente ele concedeu entrevista à Revista On-Line do Instituto de Humanidades da Unisinos. A entrevista completa pode ser lida no site da IHU ou no endereço: http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_content&view=article&id=4927§ionid=416.

4. Comentário disponível em: http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_content&view=article.

5. POULIN, R. avec la coll. de Mélanie Claude, P. *Exploitation sexuelle, crime sans frontières*. Paris: Les éditions du GIPF, 2009.

tanto no cotidiano prostitucional, quanto no transporte de um país para o outro.

Outro estudioso de grande relevância na atualidade que nos fornece elementos importantes para entender melhor o que está por traz do tráfico interno e internacional de pessoas é o também sociólogo alemão Zigmund Bauman. Em uma importante obra sob o título *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*,⁶ Bauman (2004, p. 8) nos ajuda a compreender por que a prostituição tem crescido tanto na sociedade moderna. Ou seja, de que maneira o mercado vem se apropriando dessa modalidade de enriquecimento econômico à custa da exploração sexual comercial de milhares de homens e mulheres em situação de tráfico humano, submetidos a condições de trabalho análogas à escravidão.

Segundo Bauman (2004), é preciso compreender o crescimento da prostituição num contexto de crise dos relacionamentos interpessoais e afetivos. Segundo o autor, “no líquido cenário da vida moderna, os relacionamentos talvez sejam os representantes mais comuns, agudos, perturbadores e profundamente sentidos da ambivalência” (BAUMAN, 2004, p. 8). Trata-se de uma crise existencial em que as pessoas, guiadas pela lei do mercado, cada vez mais vêm perdendo o sentido da vida e dos relacionamentos, transformando-se a si mesmas e aos outros seus semelhantes em objeto de relações superficiais, fúteis e descartáveis. Se, por um lado, as pessoas anseiam por relacionamentos profundos e duradouros, por outro, não querem se comprometer com nada nem ninguém que lhe tolha a “liberdade”, que representa a grande conquista da sociedade moderna.

Mas, afinal, que liberdade é essa que transforma homens e mulheres em meros consumidores de todo tipo de mercadoria, inclusive no que tange aos relacionamentos humanos? Que liberdade é essa que permite a um sujeito com poder de compra outorgar-se o direito de pagar, usar e descartar um outro sujeito como se essa outra pessoa, na sua grande maioria, constituída de mulheres, não significasse nada de

6. BAUMAN, Zigmund. *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. (Trad. Carlos Alberto Medeiros). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

valor afetivo numa relação comprada e comercializada em larga escala pelo mercado na indústria do sexo?

Na lei de mercado, temos então dois sujeitos inseridos diretamente na relação de compra e venda: um sujeito denominado pela indústria como “cliente” e o outro sujeito, colocado numa condição de subordinação e dominação na situação de mercadoria. Ora, na relação de mercado existe um consumidor que paga pela mercadoria, leva-a para casa, consumindo-a ou descartando-a ao seu bel-prazer pelo simples fato de ter pago por ela. Na indústria do sexo, cada vez mais as prateleiras do mercado são invadidas por novas mercadorias inseridas numa circulação permanente entre o empresário que vende e o consumidor que elege o que quer comprar. Nessa lógica do mercado, também as mulheres ganham lugar nas prateleiras junto com outras mercadorias. Da mesma maneira que as outras mercadorias estão em permanente reciclagem e substituição, também as mulheres em situação de prostituição. Por isso o tráfico de mulheres para fins de exploração sexual comercial tem ganhado tanto espaço no mercado internacional que a todo momento precisa renovar e recompor as prateleiras com “novas mercadorias”. Por isso as rotas internacionais do tráfico buscam mulheres no mundo todo e as levam para os grandes mercados do sexo e dinamizam um mercado em todos os países circulando mercadorias o tempo todo e a todo vapor. Isso faz com que esse mercado seja tão rentável e tão cobiçado pelos grandes empresários desse ramo.

A mesma relação de compra e venda de mercadorias é transferida e adaptada ao mercado da prostituição num cenário de inserção permanente de novas ofertas no mercado para corresponder à altura às exigências de demanda do consumidor, ou seja, do cliente. Mas, afinal, quem seria esse cliente? Um pobre coitado que não teve sorte nos seus relacionamentos afetivos e por isso precisa pagar para ter um pouco de consolo e carinho? Ou seria um covarde que não foi capaz de manter um relacionamento maduro, equilibrado e duradouro e por isso se justifica pagando para ter relacionamentos rápidos, na liquidez das relações instantâneas,

que não geram vínculos afetivos ou nenhuma forma de responsabilidade ou comprometimento com a outra pessoa? Ou seriam ainda os clientes, gente endinheirada exibindo seu poder de compra e consumo, chegando ao limite máximo do uso do exercício do domínio que seria o uso e o abuso dos corpos numa relação de dominação e exibição de poder?

Na compreensão de Bauman (2004, p. 97), o cliente da prostituição pode ser definido como a pessoa que se deixou esvaziar de significados e de sentidos, fechando-se no seu egoísmo intimista, revelando uma profunda dificuldade de amar o próximo. Por isso, o referido autor afirma que há muito a sociedade moderna vem abandonando o princípio de “amar o próximo como a si mesmo” e, com isso, abandonamos um dos preceitos fundamentais da vida civilizada. Quando se deixa de amar o próximo como a si mesmo, permite-se que a outra pessoa seja sujeitada à condição de mercadoria, que pode ser comprada, usada e abandonada quando se tem vontade.

Na tentativa de identificar o cliente da prostituição, observamos numa pesquisa sobre a prostituição⁷ realizada em Manaus no primeiro semestre de 2013, algumas características que parecem ser universais em todos os contextos de prostituição. Os dados deste ano confirmam que a maioria dos clientes da prostituição em Manaus é constituída por homens que se autodefinem como heterossexuais, casados, empregados, cristãos, brancos e com elevado grau de instrução, dentre os quais, foi possível identificar políticos, empresários, servidores públicos, fazendeiros, militares e outros policiais, advogados, juizes, professores, médicos, dentistas, marinheiros, turistas estrangeiros, dentre outras categorias.

Observamos em Manaus que, no geral, os clientes da prostituição apresentam alto grau de exigência quanto à “mercadoria” pela qual estão pagando e, não raro, no caso da prostituição feminina, eles abusam do poder sobre as mulheres e praticam atos de violência como uma forma de autoafirmação. Em linhas gerais, constatamos nessa pesquisa que existe uma situação de completa incoerência

7. Desde meados de 2008, iniciamos um projeto de pesquisa denominado “a cartografia da prostituição em Manaus” com a finalidade de identificar os principais espaços e a condição das pessoas submetidas à situação de prostituição. Desde então, seguimos aplicando a mesma metodologia, a cada ano, para manter os dados atualizados e recolher novas informações sobre a temática.

no discurso do homem bem casado, bem resolvido socialmente, que, com relativa frequência, busca na prostituição uma “variação” da sua relação afetiva fora do casamento ou da relação estável. Segundo a entrevista realizada com uma mulher de Manaus, que retornou recentemente da Espanha, onde viveu seis longos anos em situação de tráfico e submetida à prostituição:

De cada dez programas que eu fazia numa noite, era possível identificar que uma média de oito clientes eram casados. Eu sabia disso porque muitos deles falavam pra gente. Outros a gente reconhecia pela aliança na mão direita. No ano passado, eu reconheci um dos meus clientes mais assíduos, de mãos dadas com a sua esposa e rodeado pelos três filhos, à frente da procissão da Semana Santa na catedral de Sevilha – Espanha. Na semana seguinte, quando ele veio até a casa noturna em busca de nossos serviços, eu comentei o fato com ele. Como já era esperado, ele não quis comentar a minha provocação, me respondeu somente que eu não era digna de participar de uma procissão por causa da minha “profissão”. É como se ele fosse melhor ou menos pecador do que eu (Entrevista de Campo n. 111, Manaus – AM).

Para Bauman, a sociedade moderna foi assolada pela crise da incoerência e da hipocrisia onde professa-se um discurso e vive-se o contrário nas práticas cotidianas conduzidas pelo poder de consumo que parece relativizar os valores evangélicos, éticos e morais. Segundo Bauman (2004, p. 10), “a fragilidade dos vínculos humanos são misteriosos, conflitantes e inseguros à medida que o homem contemporâneo está abandonado ao seu próprio aparelho de sentido, de modo que tal aparelho tem, ao mesmo tempo, grande facilidade de conceder e descartar sentido nas relações amorosas”, equiparando a pessoa da relação a um objeto de uso e consumo.

A transformação da outra pessoa em objeto pode explicar a grande crise das relações interpessoais e afetivas. O outro ou a outra pessoa passa a responder a uma necessidade pessoal. Sanada a necessidade, cessa-se a relação. Entretanto,

uma vez inserido na dinâmica do consumismo movido pela necessidade de necessidades,⁸ o consumidor ou o cliente da prostituição é igualmente inserido num mercado maior gerenciado pela indústria do sexo que comercializa muitos outros produtos eróticos relacionados com a prostituição.

A sociedade moderna não só tem permitido a crise de valores como também tem sido conivente ao estabelecer as relações de mercado acima das relações humanas. Isso resulta num alto investimento numa categoria de consumidores em detrimento da categoria cidadãos. Ou seja, em vez de investir na formação da cidadania, a sociedade moderna permite que o mercado invista pesadamente na formação de consumidores que agem pelo impulso compulsório do consumo. Aqui encontramos o cliente da prostituição, com poder de consumo movido pelo impulso da compra e do uso instantâneo. Não compra pela necessidade que possui, nem pelo desejo cultivado por um objeto. Compra pelo simples impulso de consumir (BAUMAN, 2004, p. 26). Compra e usa os corpos, descartando-os em seguida. De acordo com uma das nossas entrevistadas em Manaus, também retornada do tráfico, ela tentou inúmeras vezes pedir ajuda aos seus clientes enquanto estava na Europa, mas,

eles não querem ouvir o que a gente tem a dizer. Pelo contrário, são eles que dizem tudo o que têm vontade na hora do sexo. Alguns até mandam a gente ficar calada que é para não atrapalhar. Eu tentei várias vezes contar a minha história de escravidão para os meus clientes, mas, eles nunca se interessaram pelo meu drama. Queria apenas usar e descartar o nosso sexo. Nada mais que isso. Não significamos nada para eles além da satisfação imediata dos seus impulsos sexuais. Pareciam bicho em cima da gente (Entrevista de Campo n. 48, Manaus – AM).

A relação de uso e descarte de objetos e coisas, aos poucos, vai sendo transferida para as relações interpessoais. De acordo com o relato acima, na indústria do sexo essa relação é muito recorrente, pois o mercado do sexo transforma mulheres em meros objetos de prazer e satisfação dos impulsos

8. MARX, Karl. *Manuscritos econômico-filosóficos*. São Paulo: Boitempo, 2008. p. 129.

sexuais instantâneos, num contexto de exploração. Ao mesmo tempo, transforma os homens, os famosos clientes, em meros consumidores insanos que não percebem que estão sendo também eles usados pelo mercado que os valoriza e contabiliza enquanto possuem poder de consumo.

Nessa perspectiva, reconhecemos a imensa dificuldade de enfrentamento ao tráfico de pessoas, especialmente no caso do tráfico de mulheres para exploração sexual comercial. De nada adianta tratar a questão de forma isolada como muitas políticas públicas propõem. É claro que os esforços de prevenção são válidos e necessários. Quanto mais informação e esclarecimento as pessoas tiverem, especialmente as jovens, mais dificuldade os aliciadores terão para envolver novas vítimas nas rotas do tráfico. Entretanto, o enfrentamento ao tráfico exige muito mais que uma orientação às vítimas em potencial. Exige mudanças profundas e rupturas necessárias na sociedade. Aqui esbarramos numa questão bastante complexa, pois não sabemos até que ponto a sociedade está disposta a romper com as amarras do mercado sexual, assumir novos paradigmas que exigem um conjunto de atitudes que resultariam em novos comportamentos e em um novo modo de vida, diferente daquele proposto e imposto pelo paradigma do modo de vida capitalista.

Um dos caminhos possíveis seria aquele da “humanidade comum ou compartilhada” sugerido por Bauman que nos recorda que

[...] em nenhuma outra época a intensa busca por uma humanidade comum, assim como a prática que segue tal pressuposto, foi tão urgente e imperativa como agora. Na era da globalização, a causa e a política da humanidade compartilhada enfrentam a mais decisiva de todas as fases que já atravessaram em sua longa história (BAUMAN 2004, p. 182-183).

Essa talvez seja a maior contribuição da Campanha da Fraternidade de 2014: provocar na sociedade um desejo profundo de mudança, reconhecendo no tráfico de pessoas a mais perversa atrocidade cometida contra a dignidade humana

na sociedade moderna e se posicionando contra a proliferação da indústria do sexo. Somente o reconhecimento da outra pessoa como um igual independente de sua nacionalidade, sua classe, sua orientação sexual ou seu pertencimento étnico, poderá romper com a inescrupulosa prática de transformação da outra pessoa em objeto. Somente quando todos nos sentirmos parte de uma “humanidade compartilhada” não haverá mais clientes, nem mulheres prostituídas, nem aliciadores, nem empresários do sexo. Isso exigiria muito de todos nós, homens e mulheres de todas as sociedades convocados a superar a crise existencial de valores e inaugurar um novo tempo da “humanidade compartilhada”.

Por uma espiritualidade viva que jamais estacione

PE. NICOLAU JOÃO BAKKER, SVD*

Introdução

Neste nosso mundo, as espiritualidades apresentam cores muito variadas. Conhecemos melhor nossa própria espiritualidade cristã, mas sabemos que existe a espiritualidade não cristã, a asiática ou oriental, as africanas, indígenas e muitas outras mais. As diferenças são significativas e profundas. Se olharmos com mais atenção para cada uma delas percebemos que, dentro delas, conforme as culturas locais, existe ainda uma grande variedade de vertentes. Cada vertente, por sua vez, está sujeita a um processo histórico que vai revelando surpreendentes novas expressões e adaptações. Também a espiritualidade cristã passou e passa por idêntico processo.¹

As tradições místicas dos povos se alimentam de raízes muito profundas e antigas. São muito anteriores às primeiras civilizações que surgiram em volta do Mar Mediterrâneo uns dez mil anos atrás. Costuma-se dizer que, naquele tempo, as tradições espirituais, pela primeira vez, “se institucionalizaram”. Em especial no último milênio antes de Cristo vemos surgir códigos de leis, escritos sagrados, liturgias, santuários e diversas formas de um “poder sagrado” firmemente estabelecido. Todos nós ouvimos falar de Lao Tsé, Confúcio e Buda que, nos séculos V a VII a.C., deram origem a uma espiritualidade asiática que, até hoje, marca profundamente o modo de ser oriental. Da mesma forma, no mundo árabe-ocidental, Moisés, Jesus e Maomé

definiram a tradição monoteísta que tão profundamente marca a vida de judeus, cristãos e muçulmanos.

Afastando-nos um pouco das “grandes” tradições espirituais, e focalizando melhor as “pequenas” tradições religiosas dos nossos povos indígenas ou africanos, o que nos surpreende é que encontramos, basicamente, o mesmo. As expressões culturais são incrivelmente variadas, mas precisamos atentar para o que está “por detrás” delas. Podemos retroceder até o tempo das cavernas e os poucos vestígios sobreviventes ainda nos mostrarão o mesmo cenário: pessoas humanas que buscam um “sentido” para o seu viver, conviver e sobreviver, encontrando este sentido em algo que está “além” de sua própria insuficiência e miserabilidade. Frequentemente são forças divinas ou espirituais em quem a pessoa irá colocar sua confiança, mas, reparem – isto é especialmente importante –, estas forças divinas ou espirituais sempre exigem que a própria pessoa busque “superar-se a si mesma”, indo, individual e coletivamente, em direção a algo que está mais adiante, alguma forma de libertação, iluminação ou salvação. É desta profunda necessidade humana de ir sempre em busca de algo que transcenda sua pequenez que surgem os códigos de comportamento, os ritos a serem celebrados e as lições a serem apreendidas. Estará presente sempre também o xamã, pajé, mestre, sábio ou santo, para indicar ao simples mortal “o caminho” a seguir.

Vale a pena lembrar aqui o que aconteceu na assim chamada “modernidade”. Ocorreu algo de muito estranho. Aparentemente, todas as espiritualidades que, durante milênios, alimentavam o espírito humano, de repente parecem ter perdido sua razão de ser. O rápido processo de modernização das sociedades, iniciado no séc. XVI, trouxe consigo uma forte secularização que, particularmente no mundo ocidental, fez com que todas as religiosidades fossem colocadas sob suspeita. A razão tomou o lugar da mística, colocando-se em oposição a ela. No norte europeu, igrejas antes lotadas agora estão vazias e à venda. É verdade que, hoje, em dez anos, o mundo muda mais do que nos cem anteriores. Será que, com o fortíssimo processo de globalização

* **Pe Nicolau João Bakker** é missionário do Verbo Divino, svd, sacerdote formado em Filosofia, Teologia e Ciências Sociais. Atuou sempre na Pastoral Prática, Rural e Urbana. Representa, atualmente, a CRB no Conselho Estadual de Proteção a Testemunhas (Provi-ta/SP) e atua na Pastoral Paroquial de Diadema/SP. Além de cartilhas populares, publicou diversos artigos na *REB*, *Vida Pastoral*, *Verbum* e *Grande Sinal*. **Endereço do autor:** Rua Juruá, 798, Jd. Paineiras, 09932-220, Diadema – SP. **E-mail:** <nijlbakker@hotmail.com>.

1. Ver em: *Grande Sinal*, n. 3, 4, 5 e 6 e *Convergência* n. 468, Jan./fev., 2014.

em andamento, chegamos ao início do fim da mística humana? São muitos os que falam em sociedades pós-cristãs e/ou pós-religiosas.

Nós não acreditamos nisto. As aparências enganam. Fato, no entanto, é que as tradições místicas, hoje, podem mudar de configuração num espaço de tempo relativamente curto. Não apenas na Europa. Quem de nós, católicos brasileiros, por exemplo, poderia acreditar, anos atrás, que, em tempo tão curto, as Igrejas evangélicas alcançariam 25% da população brasileira? Sim, a “flecha do tempo”, como dizem alguns, se acelerou, e ninguém está muito seguro do que pode trazer o futuro. Mas longe de nós a crença no fim da mística. A mística, mais do que um dado cultural, é um dado antropológico. Para pôr fim à mística é preciso pôr fim ao ser humano. Independentemente de tempo e lugar, o ser humano sempre estará em busca de um “sentido” para seu viver, conviver e sobreviver. Com inacreditáveis diversidade e criatividade, ele dará sempre novas expressões culturais a esta sua ânsia fundamental. Os “descrentes” – veja os militantes ateus da modernidade – às vezes com maior fundamentalismo ainda do que os crentes. Como já dissemos: as aparências enganam.

O que queremos ressaltar neste artigo é que, também na nossa espiritualidade cristã, devemos desenvolver um aspecto que a torne mais resiliente ao rolo compressor do tempo. Não basta viver do passado. É preciso construir uma espiritualidade capaz de absorver os impactos do presente e do futuro, pois eles são muitos, profundos e desconcertantes.

1. A revelação como fonte da espiritualidade cristã

A tradição judaico-cristã (e muçulmana) tem algo de muito próprio: ela parte do princípio da Revelação. O próprio Deus toma a iniciativa de se revelar aos homens e às mulheres. Nesta tradição não é o ser humano que toma a iniciativa de trilhar um caminho de libertação ou iluminação. É Deus quem indica o caminho. Deus fala a Abraão, Isaac e

Jacó. Deus revela sua identidade (o “Inominável”) a Moisés e lhe mostra, em detalhes, o que deve fazer para alcançar a libertação do povo. O Deus único e soberano coloca seu arco-íris entre as nuvens do céu e, no alto da montanha, grava em pedra os mandamentos a seguir. Cabe ao ser humano cair de rosto em terra para adorar, ouvir e obedecer. O “pacto” é sagrado, selado com sangue. Inúmeras vezes o ser humano irá falhar diante das exigências divinas, mas nunca faltarão profetas para reconduzi-lo ao bom caminho. É inadmissível contestar uma Palavra ou uma Lei que vem do próprio Deus. Nem Jesus não quer mudar uma única vírgula (Mt 5,18). Apenas mostrará o verdadeiro rosto deste Deus: não um Soberano distante, mas um Pai muito próximo que ama todos os seus filhos e filhas com infinito amor. Um exemplo divino a ser seguido por todos nós.

Muito cedo no Cristianismo, a Revelação foi codificada em uma doutrina, tida como imutável exatamente por sua origem divina. Com o passar do tempo, esta doutrina evoluiu, foi explicitada de diversas formas e, em alguns momentos, criou ares de dogma. A Igreja-Instituição, até hoje, defende este legado com inabalável firmeza. O Concílio Vaticano II, porém, após longo processo de amadurecimento teológico, deixou claro que Deus não se revela de forma direta, como que a viva voz, mas por meio do difícil interpretar das realidades terrestres, pela leitura atenta aos sinais dos tempos e pelo bom senso do povo de Deus guiado por seu Espírito. Faz-se necessário, portanto, ler a Sagrada Escritura de forma criteriosa, respeitando sua evolução histórica e, da mesma forma, fazer Teologia fazendo clara distinção entre a verdade revelada em si e sua formulação, histórica e transitória. Tudo isto mantendo como critério máximo nossa fidelidade à autêntica tradição da Igreja, preocupação primeira do magistério eclesial.

No contexto desta tradição, a mística vivida pelos cristãos, desde o início até hoje, demonstra claramente duas vertentes: uma que podemos chamar de “institucional”, e outra que vamos chamar de “antropológica”.

2. A mística institucional e seu grande apego à Tradição

Com certeza, a imensa maioria dos nossos leitores é constituída de religiosos ou religiosas, sacerdotes, leigos ou leigas, todos/as muito próximos/as e comprometidos/as com a Igreja assim como ela, historicamente, se configurou. É desta Igreja que, desde muito cedo, recebemos a consciência religiosa que nos anima. Do contexto familiar, da catequese recebida e do caldo de cultura do nosso tempo, recebemos o núcleo central daquilo que fundamenta a nossa fé, a orientação básica que norteia nosso comportamento e o conjunto essencial de ritos a serem praticados para não perder nossa própria identidade de cristãos/ãs, membros da Igreja. No processo de amadurecimento da nossa fé, especialmente na fase decisiva quando optamos, livremente, por nosso modo particular de inserção no mundo, como leigos/as comprometidos/as, religiosos/as ou sacerdotes, usamos como instrumentos de aprofundamento da fé aquilo que a Tradição da Igreja nos ofereceu: a Sagrada Escritura com sua interpretação adaptada ao tempo (desde a histórico-crítica até as mais modernas) e sua vivência considerada mais proveitosa (como a hoje muito divulgada *lectio divina*); recebemos também, como importante instrumento complementar, o essencial da Teologia da Igreja, seja a mais tradicional, seja a mais aberta às tendências modernizadoras.

O que devemos perceber é que tudo isto tem um fortíssimo elo com a Revelação. Uma Revelação, basicamente, incontestável. As interpretações dos textos bíblicos, nas últimas décadas, tanto do lado católico quanto do lado protestante, têm sido muito ricas e diversificadas, mas em nenhum momento algum biblista sério pretendeu “substituir” a Revelação original expressa nos textos. O Concílio Vaticano II reconhece como real e legítimo o “avanço” no entendimento da Palavra Revelada (*Dei Verbum* 8), mas, ainda recentemente, no Sínodo especialmente convocado para este fim (2007), o magistério oficial da Igreja alertou para a necessidade permanente de uma interpretação “canônica”, isto

é, uma interpretação fiel à Tradição legítima da Igreja. O mesmo pode ser dito da Teologia. Não existe teologia cristã sem fidelidade à Revelação. No decorrer dos dois mil anos de história do Cristianismo, as Teologias oficialmente adotadas pela Igreja demonstraram uma variedade significativa, mas em nenhum momento manifestaram a intenção de “substituir” a Revelação em que se fundamentam. Também em nível latino-americano, o surgimento de novas Teologias, ou enfoques teológicos, tem sido uma constante. Depois do Vaticano II vemos uma espécie de inversão: de uma Doutrina (fixa) que ilumina a história, a Teologia percebe agora que é a própria história que ilumina a Doutrina (em permanente reformulação). Seja qual for o ponto de vista adotado, de nenhum lado se quer desfazer da Revelação como o fundamento original (e permanente) da Teologia.

O ponto que nós queremos ressaltar é que deste Cristianismo, baseado numa Revelação traduzida em Teologia, surge, necessariamente, uma Mística de grande apego à Tradição. Ela, sempre de novo, se fixa no ponto onde tudo começou. Trata-se do que podemos chamar de “Mística Institucional”. Bons religiosos, bons padres e bons leigos se alimentam desta mística ou dificilmente serão reconhecidos como pessoas exemplares da Igreja. Trata-se do melhor que a Igreja, como Instituição, tem a oferecer. Observando como que “de relance” vamos perceber que a imensa maioria dos cristãos – padres, religiosos ou leigos – se alimenta exclusivamente desta mística. Ela tem um pilar de sustentação muito forte na recepção regular dos sacramentos, em especial da Eucaristia. Particularmente do lado católico, a Eucaristia às vezes parece ser a fonte exclusiva da autêntica mística cristã. Outro pilar muito forte é a oração. Sem atentar muito bem para a diferença entre estar em (atitude de) oração e fazer oração, nós, desde criança, nos habituamos a fazer muitas orações. O povo simples, é verdade, ganha de nós, padres ou religiosos, com facilidade, mas nós também temos nossos momentos programados de oração pessoal ou comunitária. Rezamos os ofícios divinos e, a vida inteira, incansavelmente, repetimos especialmente os salmos, de

forma cantada, rezada ou salmodiada. Ninguém venha nos dizer que nos falta espiritualidade ou que não levamos a sério a nossa obrigação de cristãos/ãs.

Não temos nenhuma crítica a respeito. Muito pelo contrário. Vemos que esta espiritualidade institucional levou inúmeras pessoas ao mais alto grau de santidade, gerou uma corrente interminável de mártires e deu origem a uma fila de pessoas extraordinárias que se tornaram fundadores/as de instituições religiosas ou “mestres” da vida espiritual. Ainda assim, vemos também uma ameaça: na mística institucional, exatamente por seu apego inerente à tradição, se encontra o germe do fechamento ao novo, da tradição pela tradição, da repetição sem aprofundamento (= espiritualidade “estacionada”), do aferrar-se ao que já foi e da não percepção do que vem pela frente. Desta “cegueira” Jesus acusou as pessoas consideradas mais religiosas e mais comprometidas com a instituição religiosa do Judaísmo (Mt 23).

3. A Mística Antropológica e sua grande abertura ao novo

Existe uma outra Mística que não se fundamenta numa Revelação institucionalizada, mas que brota espontaneamente do coração humano. Chamamo-la de “antropológica”. Onde podemos encontrá-la? Em qualquer lugar do mundo onde o “sentido” que a pessoa dá à sua vida (ao seu viver, conviver e sobreviver) ainda não é determinado por critérios institucionais. Dizemos “ainda” porque, em muitos sentidos, a pessoa já nasce institucionalizada. Não existe vida humana desligada de um determinado contexto sociocultural, linguístico e ideológico. Um certo “direcionamento”, portanto, já vem dado. Ainda assim, há uma variedade muito grande na liberdade institucional que as pessoas desfrutam, ou nas restrições institucionais às quais as pessoas, consciente ou inconscientemente, se sujeitam.

Nenhuma instituição religiosa nos parece mais cerceadora da liberdade humana do que a judaica, cristã ou muçulmana. Em princípio, a liberdade de aderir ou não é total,

mas, uma vez feita a adesão, em qualquer denominação, o crente sincero assume, na autêntica vida comunitária, um determinado modo de pensar e de agir que não permite muitos desvios. Há graus de santidade, não de liberdade. Não se discute uma religião de origem divina. É diferente nas outras religiões. A religiosidade asiática ou oriental, nas suas diversas formas, desconhece o fator “Revelação”. Está no centro não um Deus que se impõe, mas o próprio ser humano que, livremente, partindo de sua situação de miserabilidade, sofrimento ou insuficiência existencial, sai em busca de um caminho de libertação ou iluminação. Da mesma forma na religiosidade africana ou indígena não encontramos uma “Revelação” no sentido tradicional cristão. Nós, cristãos, depois do Vaticano II, dizemos que a Revelação está presente nas religiões não cristãs, mas elas, por si próprias, não se entendem assim. Impõe-se com muita força a própria tradição cultural local. O mundo do sagrado tem alto significado e forte presença social, mas todo o conteúdo do pensar e do agir tem como único critério a própria comunidade. Nada de fora tolhe a liberdade e a espontaneidade do coração. A “mística” que guia os passos não vem de fora, mas de dentro. Seu berço principal não tem feição institucional, sua matéria-prima é a antropológica.

Por não possuir uma ligação intrínseca com alguma autoridade externa, a mística antropológica apresenta grande abertura ao novo. O “Deus” da mística antropológica se encontra no próprio coração humano, e o coração humano, em meio à multifacetada realidade cultural, social e ambiental, se vê na imperiosa necessidade de escolher um caminho (entre muitos possíveis). Não havendo quem lhe determine os passos, ele mesmo, individual e coletivamente, escolherá o caminho que lhe parecer melhor. Sua mente, dizem as ciências modernas, possui a tendência inata de sempre buscar o melhor (em meio às mil dúvidas e erros do caminhar humano).² O novo ou diferente não gera suspeita. É seu natural. Algo disto podemos perceber também se dermos novamente uma olhada nas modernas sociedades secularizadas. Nelas, a instituição religiosa como tal perdeu

2. Ver em *Vida Pastoral* nn. 278, 279, 281 e 282 (2011/12).

grande parte de sua credibilidade. Com isto se fortalece também um sentimento de descomprometimento com as tradições religiosas. Um número cada vez maior de pessoas as abandona. Uma vida familiar toda ela pautada por costumes religiosos é deixada para trás e, aparentemente, nada parecido entra em seu lugar. Uma filósofa muito atenta a isso, Simone Weil (†1943), talvez tenha sido uma das primeiras filósofas a perceber o “vácuo cultural” que esta nova realidade estava ocasionando. Seu último livro fala do “desenraizamento” europeu. Mas todos os vácuos – como o vácuo quântico – estão cheios do novo. A Europa fervilha de novas angústias e novas tentativas para dar um novo sentido à existência. Quando a mística institucional vacila, a antropológica retoma sua força.

4. *Nosso grande desafio: manter a chama acesa*

Sendo religioso, costumamos fazer uma visita ocasional à casa central da nossa Província Religiosa. Não muito tempo atrás, no horário do meio-dia, entramos na Capela e vimos algo que, até certo ponto, nos comoveu. Diante do sacrário estava ali, em cadeira de rodas, nosso antigo mestre espiritual agora já muito idoso. Dormia, tranquilamente, o sono dos justos. Veio-nos à mente o famoso quadro dos “sapatos de Van Gogh”. Sapatos maltratados. Porém, não é deles que o pintor nos fala, mas da pessoa desafortunada que os usou. Assim também estava ali o velho religioso: em seu semblante de tranquila seriedade transparecia uma vida inteira da mais pura mística institucional. Será que esta mística institucional nos basta? Temos sérias dúvidas quanto a isso, especialmente no nosso tempo de transformações rápidas. Façamos algumas reflexões.

a) A batalha entre corpo e mente

Sempre pensávamos que é a mente que guia o corpo. Mas agora os neurocientistas descobriram que é, muito mais, o corpo que guia a mente. Já se sabe com segurança que

corpo e mente não são duas entidades separadas. Só podemos pensar corporalmente. Especialmente nós, religiosos, ou leigos muito chegados à Igreja, esquecemos – porque contraria nossa sensibilidade religiosa tradicional – que esta unidade corpo/mente é fruto de uma longa evolução biológica. Nós, seres humanos da espécie *sapiens*, descendemos da “Classe dos Mamíferos”. Estes começaram a povoar o Planeta Terra 200 milhões de anos atrás, e (somente) com eles partilhamos um cérebro dotado de um “hipocampo”. Com este hipocampo os animais mamíferos aprenderam a se locomover melhor no espaço, gravando em sua memória – o hipocampo é a sede da memória – as diversas coordenadas espaciais que facilitavam sua sobrevivência. O gato que vemos agachado no telhado do vizinho, à espreita do passarinho que, inadvertidamente, chegou perto, faz exatamente isso. Usando os fracassos e êxitos gravados em sua memória sabe exatamente até onde pode se aproximar, e a que altura deve pular, para agarrar o pobre do tico-tico que, para sua grande infelicidade, nasceu sem hipocampo.

Vale a pena aprofundar este dado um pouco mais para entender melhor porque a mente – e daí sua possibilidade de crescimento espiritual! – é tão dependente do corpo. O nosso grande córtex cerebral, dizem os entendidos, evoluiu a partir do hipocampo. Cada vez mais nossos antepassados mamíferos, passando pela fase da “Ordem dos Primatas”, aprenderam a coordenar as distâncias e cartografar os diferentes caminhos, gravando-os na memória. Possuindo uma índole gregária desenvolveram também uma linguagem grupal cada vez melhor, além de novos hábitos alimentares para satisfazer um cérebro cada vez maior e mais necessitado de energia. Um dos mais afamados fundadores da “linguística cognitiva” dos anos 1970, o Prof. George Lakoff, da Universidade da Califórnia, demonstrou (em *Philosophy in the Flesh: the embodied mind and its challenge to Western Thought*, com Marc Johnson, Basic Books, New York, 1999) que nossa linguagem, reflexo da mente, está cheia de conceitos espaciais (e, conseqüentemente, também temporais): dentro, fora, acima, abaixo, antes, depois, para frente, para trás, etc.

A partir desta mente fortemente “sensorial”, o ser humano foi desenvolvendo sua mente moderna, mais “abstrata”, também ela fortemente marcada pelo uso “metafórico” destes conceitos espaciais e temporais (ver em: *Metaphors we live by*, G. Lakoff, com Marc Johnson, University of Chicago Press, 1980). Pessoas menos abstratas e mais ligadas ao dia a dia adoram a linguagem metafórica ou pictórica, como mostram as parábolas de um certo Galileu: “Um homem ‘descia’ de Jerusalém para Jericó e ‘caiu’ nas mãos de ladrões... (Lc 10,30).

Sim, nossa mente depende inteiramente do corpo. Infelizmente, durante 2.000 anos, a Igreja batalhou contra o corpo. Para ressaltar o espírito, as coisas do céu, a “alma” criada por Deus, era preciso opor-se ao mundano, às coisas da terra, ao corpo, feito do pó da terra. Muito já foi escrito sobre isto. A espiritualidade cristã, assumindo o caldo de cultura do mundo ocidental, sempre separou espírito e matéria, corpo e alma. Uma batalha permanente... que ainda não terminou.

b) A centralidade da “experiência mística” na espiritualidade cristã

Paralelamente à mística institucional que sempre caracterizou o dia a dia normal do mundo cristão, que pautou a vida exemplar dos Santos Padres da Igreja, que orientou a vida regular dos mosteiros, chamando ora à ação, ora à contemplação, e que levou à honra dos altares inúmeros dos nossos venerados santos e santas, sempre existiu entre nós também a mística antropológica, aquela que simplesmente brota do fundo do coração. O institucional, o regular, ritual ou costumeiro, tem mesmo algo de sonolento. Não mexe com as entranhas, não emociona, e não acumula novas energias. Muito cedo alguns cristãos (e cristãs!) irrequietos se meteram no deserto, seguindo as pegadas do Batista e de Jesus. Na ânsia de corresponder aos apelos divinos batalharam contra a mediocridade, contra o demônio, e também contra o corpo e todas as suas tentações. O deserto não fazia parte do programa oficial da Igreja como instituição. Era o

local onde apenas os mais abnegados e os mais generosos se refugiavam, buscando uma união verdadeira com o Deus do coração. O que chama nossa atenção é que, por mais que “desprezassem” o corpo, dele exigiam enormes sacrifícios em abstinência, jejum e oração para, assim, chegar ao objetivo.

Também a Vida Religiosa nos inúmeros mosteiros europeus da Idade Média – embora com alguma frequência marcada pela traição às intenções originais, e até pela acolhida aos privilégios feudais – por mais que a mera institucionalidade eclesial ou a pura formalidade religiosa às vezes quisessem dar o tom, ela nunca deixou de voltar às origens e buscar novos caminhos. Seu objetivo maior sempre foi esse: alcançar e viver a “experiência mística”. Algo muito difícil de definir. Ela pode brotar da mística institucional, mas, como dissemos, não é comum. Trata-se de uma flor típica da mística antropológica. Por isso não é privilégio de mosteiros, nem da religião cristã. Buscar a experiência mística é a essência de todas as religiões. Em muitos sentidos é a essência do coração humano. Todo ser humano está em busca de algo que lhe é superior. Um dos mais profundos formuladores da experiência mística, Dionísio, o Areopagita (†500), afirma que, para superar toda a fragilidade e ser permeado de força divina, o ser humano deve “deixar para trás os sentidos e as operações do intelecto” (em *Teologia Espiritual*, cap. 1). Somente o “estar em” Deus, sem mais nem menos, possibilita ao ser humano superar toda a sua miserabilidade e alcançar sua realização (e felicidade) máxima, tanto individual quanto coletiva.

Na vida cristã, esta busca da união mística com Deus será perseguida sempre de novo. Quando a Igreja, na Idade Média, robustece sua institucionalidade, homens como Bernardo de Claraval (†1153) clamarão pelo “retorno a Deus” e por um novo comprometimento com a “experiência do deserto”. O contexto cultural muda a linguagem e as formas de agir, mas a busca espiritual continua a mesma: haurir da experiência mística novas energias para superar a onipresente pequenez humana. O “povarelo” de Assis (†1226)

encontra uma força divina extraordinária na identificação com o Cristo crucificado, espelhado no rosto dos leprosos e famintos na beira da estrada. O Mestre Eckhart (†1328) repetirá em suas pregações que de nada valem as vaidades humanas, nem as da Igreja. Deus, que mora no “fundo da alma”, é tudo, mas Ele só pode ser encontrado por aquele que “nada mais deseja, nada mais sabe e nada mais possui”. A experiência mística – repetem todos os místicos – requer esforço extraordinário. Até a suave Santa Tereza de Lisieux (†1897) que se achava “pequena demais para subir a rude escada da perfeição” não se cansa dos muitos “pequenos sacrifícios”. Lava e passa a roupa do convento até não poder mais.

c) A “caminhada” rumo à experiência mística, hoje

Voltemos ao ponto. Por mais que a tradição cristã tenha “desprezado” o corpo, em nenhum momento deixou de exigir dele um imenso esforço para poder alcançar e viver a experiência mística. E exatamente neste ponto ela se iguala à tradição de todas as grandes místicas mundiais. Por isso entendemos que a mais profunda mística cristã (normalmente) não é a institucional, mas a antropológica que tem presença universal. Os estudiosos da Vida Religiosa, assim como ela hoje se apresenta, têm dito com frequência que ela perdeu a característica original da “experiência mística”. Nossa impressão é a mesma. Diante da necessidade de adaptar-se à vida moderna, a Vida Religiosa – além de entrar muito na normalidade institucional – assumiu, inadvertidamente, também um dos seus traços mais fortes: a cultura burguesa. A cultura burguesa é extremamente benevolente com o corpo. Faz-lhe todas as vontades. O problema não está na adaptação à modernidade, mas na adoção de sua inesgotável voracidade consumista. Não apenas no comer e no beber, mas no inteiro estilo de vida dos que deixaram a pobreza para trás. Nada mais nos falta. Convencemo-nos, com razão, que o corpo não está aí para ser “desprezado”, tudo bem, correto, mas isto não significa automaticamente que deve ser paparicado. Durante milhões e milhões de anos, para ter saúde, foi duramente exigido, como ainda

hoje acontece com os animais na floresta. Qualquer excesso lhes prejudica. Em toda a natureza é assim: as flores são mais bonitas e os perfumes mais agradáveis apenas quando as condições materiais da terra são adequadas. A mente humana é como a flor do campo: apenas “brilha” quando o corpo viceja. A “experiência mística” é a mais alta realização do ser humano. Por isso, sendo inseparável a unidade corpo/mente, ela não se concretiza quando o corpo não está nas melhores condições.

Todas as grandes religiões possuem “mosteiros”, locais de aperfeiçoamento espiritual. Também vemos diferentes “escolas” de aprofundamento desta ou daquela vertente de espiritualidade. Em todas elas, sem exceção, o corpo é duramente exigido a fim de que a mente possa dar a direção adequada e superar a fragilidade humana. Neste artigo não há espaço para expor isso de forma mais completa, mas gostaríamos de trazer presente um exemplo que encontramos no recente livro (ainda não traduzido) de Ineke Albers, teóloga holandesa, especializada em neurociência, que fez seu doutorado sobre esta relação mente/corpo (ver em: *De God van het lopen - De monnik, de sporter en de weg naar verlichting*, Edição Atlas Contact, Amsterdam/Antwerpen, 2013). O Budismo não conhece um Deus único que se revela. Parte do próprio ser humano, mergulhado em sofrimento, que busca um caminho de superação. Buda despertou (Buda = “Desperto”) para este caminho quando alcançou sua “iluminação” (seu entendimento final e completo) após um imenso esforço de meditação. Diz a história que ficou uma semana inteira sentado debaixo da árvore, meditando. A pessoa “desperta” venceu todos os desejos do corpo, vive em plena conformidade com a realidade (individual, coletiva e ambiental) e está livre para uma vida de “compaixão”: de total respeito às forças divinas, superiores, e aos seres da terra ainda mergulhados na dor e na cegueira. Não havendo, nesta cultura, separação entre corpo e mente, como no Ocidente, é o corpo que deve ser treinado para que a mente se “liberte”, ou “desperte”, plenamente.

Os monges “kaihôgyô”, da vertente budista “Tendai”, que vivem nos mosteiros da região montanhosa de Enrakuji, não muito longe de Kyoto, são treinados de uma forma muito peculiar. No primeiro ano do “noviciado” varrem e limpam o mausoléu do monge fundador Saichô (†822), aprendendo a concentrar a mente por meio de ações muito simples. No segundo ano fazem, com dieta sóbria, cem caminhadas noturnas ininterruptas de 35 km, recitando continuamente mantras (da divindade Fudô Myô-ô: namaku samanda bazaranan sendan makaroshana sowataya untarata kanman) e executando, nos devidos lugares, 250 mudras (ritos manuais místicos) em atenção às inúmeras entidades divinas que habitam as montanhas (nas pedras, cachoeiras, árvores, paisagens etc.). No dia da septuagésima noite andam mais 54 km pela cidade de Kyoto para que os moradores se beneficiem de suas energias sagradas. O terceiro ano é dedicado inteiramente à arte das longas horas de meditação. Apenas um corpo disciplinado molda a mente. Passada esta primeira fase, os monges ainda não se tornaram “Budavivos”. Podem pedir à Direção de Enrakuji iniciar um retiro de 12 anos em que não podem mais abandonar a montanha. Fazem as mesmas peregrinações noturnas (sem que isto mude o programa diário), mas agora durante mil noites (divididas sobre 7 anos). Não se pode desistir da empreitada espiritual por nenhum motivo. Numa pequena mochila estão guardados uma faca (para praticar “seppuku” – abrindo a barriga – quando necessário) e uma corda (para enforcamento, mas aí a vergonha da desistência não é desfeita). No quarto e quinto ano desta nova fase, os monges fazem a mesma peregrinação duzentas noites seguidas. A partir do sexto ano as caminhadas noturnas são de 60 km, com 260 mudras. Depois de 700 caminhadas o monge está preparado para seu “dô-iri”, a prova máxima. Após despedida dos monges companheiros se fecha no templo de Myôô-dô onde permanece nove dias e nove noites sem comer, beber ou dormir. Recita durante horas o *Lotus Soetra* budista, algo como o Novo Testamento cristão. Após o quinto dia, para não comprometer a mucosa bucal, pode molhar a boca (não

beber!). Dois monges companheiros o acompanham, revezando, cutucando-o se ameaçar cair no sono. Depois desta “novena” budista, o inteiramente exausto monge é acolhido e aclamado com veneração pelos colegas e pelo povo da cidade (TV presente). O corpo forjou uma mente iluminada e deu à luz um “novo Buda”. O país inteiro festeja. No sétimo e último ano de treinamento (nos cinco anos restantes do retiro já funcionam como “abades” profissionais), os monges fazem cem vezes seguidas caminhadas de quase 80 km, percorrendo Kyoto, abençoando a população.

5. A título de conclusão

Se a Vida Religiosa atual quiser recuperar o antigo dom da “experiência mística” deverá ir “além” da mística institucional que a enreda com seus muitos tentáculos e buscar novas energias na fonte originária da mística antropológica. Esta requer um corpo “treinado” de tal forma que possa fazer “brilhar” a mente. O caminho normal para isto, tanto na mística cristã original quanto na oriental, é – poderíamos assim expressar-nos – uma “meditação persistente num corpo resistente”. Algo raro na atual mística institucional. Todos os autênticos religiosos entre nós conhecem os ocasionais “picos” de experiência mística que o hábito da meditação prolongada proporciona. Picos que enchem a unidade mente/corpo de novas energias que tendem a traduzir-se em atitudes permanentes de compaixão, amor e dedicação.

Questões para ajudar a leitura individual ou o debate em comunidade

1. Você percebe “picos” na sua experiência mística pessoal? O que sente nestes momentos?
2. Em sua opinião, a “mística institucional”, retratada neste artigo, proporciona estes picos?
3. A “meditação” faz parte de sua espiritualidade? De que forma?

Ouvir Deus que nos fala ao coração: a escuta da Palavra na Vida Consagrada

PE. ROGÉRIO GOMES, C.Ss.R*

Paulo, na Carta a Timóteo afirma: “Desde a infância você conhece as Sagradas Escrituras; elas têm o poder de lhe comunicar a *sabedoria que conduz à salvação* pela fé em Jesus Cristo. Toda Escritura é inspirada por Deus e é útil para ensinar, para refutar, para corrigir, para educar na justiça, a fim de que o homem de Deus seja perfeito, preparado para toda boa obra” (2Tm 3,15-17). O Apóstolo faz algumas afirmações importantes e que nos fornecem elementos importantes para a vida consagrada: conhecimento da Escritura, a comunicação da sabedoria e a salvação pela fé em Jesus Cristo e a dimensão pedagógica: ensinar, refutar, corrigir e educar na justiça. Tomarei alguns elementos e procurarei aprofundá-los.

1. As Escrituras como útero gerador da Vida Consagrada

A história de cada congregação religiosa é marcada por um sopro do Espírito que interpelou o(a) fundador(a) a partir de uma necessidade da Igreja na qual foi sensível e procurou dar a sua resposta evangélica. Essa moção do Espírito encontrará eco em algum trecho escriturístico no qual nossos(as) fundadores(as) se inspiraram e formulam um perfil do instituto, da sociedade ou da congregação. Desse modo, podemos afirmar que todos somos gerados na Palavra de Deus, desde os primeiros momentos de nossa fundação e, sem essa, já estaríamos fadados ao falimento e a não corresponder às exigências evangélicas.

* Pe. Rogério Gomes, é

Paulo, dirigindo-se a Timóteo, relembra-o de que ele conhece desde a infância as Escrituras. Nesses mesmos termos, o Apóstolo também faz recordar a nossos(as) fundadores(as) e também a todos nós de que conhecemos, desde muito cedo, as Escrituras. Indo mais além, podemos afirmar que fomos gerados nelas e ela nos acompanha em nossa vida consagrada. Esse conhecimento, a que Paulo se refere, não é simplesmente intelectual, mas permeia o homem e a mulher crentes. Isso pode ser constatado quando relemos a vida e os feitos de nossos fundadores. A Palavra entrou em seus corações e os fizeram arder, de tal modo que não puderam mais voltar atrás. Eles foram seduzidos, confrontados e desafiados a saírem de si, vencer obstáculos e a colocarem em prática o que experimentaram intensamente, de modo que não suportaram conservar consigo o que experimentaram, mas o compartilharam com outras pessoas. É da Palavra que nasce a vida comunitária como um toque amoroso de Deus no coração humano e, por ela, a resposta generosa de amor como missão, respondendo às necessidades da Igreja.

Se antes de sermos crianças fomos gerados por essa Palavra, podemos, agora, concordar com Paulo que, desde a infância ou da mais tenra idade, já conhecemos as Escrituras. Em *Vita Consecrata*, podemos encontrar um belíssimo texto que exprime essa relação intensa e fundamental que, desde os primórdios, a vida cristã, de modo especial, a vida consagrada, tem com as Escrituras:

A Palavra de Deus é a primeira fonte de toda a vida espiritual cristã. Ela sustenta um relacionamento pessoal com o Deus vivo e com a sua vontade salvífica e santificadora. Por isso é que a *lectio divina*, desde o nascimento dos Institutos de Vida Consagrada, de modo particular no monaquismo, foi tida na mais alta consideração. Por meio dela, a Palavra de Deus é transferida para a vida, projetando sobre esta a luz da sapiência, que é dom do Espírito. Embora toda a Sagrada Escritura seja “útil para ensinar” (2Tm 3,16) e “fonte pura e perene da vida espiritual”, merecem particular veneração os escritos do Novo Testamento, sobretudo os Evangelhos, que são “o coração de todas as Escrituras”. Por isso, será de

grande proveito para as pessoas consagradas fazerem objeto de assídua meditação os textos evangélicos e os outros escritos neotestamentários, que ilustram as palavras e os exemplos de Cristo e da Virgem Maria, e a *apostolica vivendi forma*. A eles se referiram constantemente os fundadores e fundadoras, no acolhimento da vocação e no discernimento do carisma e da missão do próprio Instituto.

De grande valor é a meditação *comunitária* da Bíblia. Realizada na medida das possibilidades e circunstâncias da vida de comunidade, ela leva à partilha feliz das riquezas encontradas na Palavra de Deus, mercê das quais irmãos e irmãs crescem juntos e se ajudam a progredir na vida espiritual. Convém mesmo que tal prática seja proposta aos outros membros do Povo de Deus, sacerdotes e leigos, promovendo, nos moldes adequados ao próprio carisma, escolas de oração, de espiritualidade e de leitura orante da Escritura, na qual Deus “fala aos homens como amigos (cf. Ex 33,11; Jo 15,14-15) e convive com eles (cf. Br 3,38), para os convidar e admitir à comunhão com Ele”.

Como ensina a tradição espiritual, da meditação da Palavra de Deus e, em particular, dos mistérios de Cristo nasce a intensidade da contemplação e o ardor da ação apostólica. Quer na vida religiosa contemplativa quer na apostólica, sempre foram homens e mulheres de oração que realizaram, como intérpretes e executores da vontade de Deus, grandes obras. Da sua convivência com a Palavra de Deus, obtiveram a luz necessária para aquele discernimento individual e comunitário que os ajudou a procurar, nos sinais dos tempos, os caminhos do Senhor. Adquiriram assim *uma espécie de instinto sobrenatural*, que lhes permitiu não se conformarem com a mentalidade deste mundo, mas renovarem a própria mente para poder discernir a vontade de Deus, aquilo que é bom, o que Lhe é agradável e perfeito (cf. Rm 12,2) (João Paulo II. *Vita consecrata*, n. 94).

Se “a Palavra de Deus é a primeira fonte de toda a vida espiritual cristã, ela sustenta um relacionamento pessoal com o Deus vivo e com a sua vontade salvífica e santificadora”; isso faz pensar no diálogo pedagógico de Jesus com a

samaritana (Jo 4,1-30) para refletirmos no modo como estamos visitando as Escrituras como “fonte de água viva”. Será que temos a coragem audaciosa de Jesus que pediu à samaritana: “dá-me de beber”? O diálogo de Jesus é maiêutico até o momento em que Jesus se afirma como o verdadeiro Messias: *Esse Messias sou eu, que estou falando com você* (v. 26). No diálogo, aquela mulher encontra a água viva que está procurando. A fonte não é algo físico, mas o próprio Jesus.

Muitas vezes na Vida Consagrada esquecemos dessa dimensão fontal da Palavra que nos dá a água viva. É nela que está contida a água que saciará nossa sede quando atravessarmos nossos desertos, que nos purifica das nossas imundícies e que nos proporciona a saciedade. Portanto, devemos ter a coragem de Jesus e irmos às fontes escriturísticas e pedir-lhes: “dá-me de beber!”.

2. A comunicação da sabedoria que nos conduz à salvação pela fé em Jesus Cristo

Paulo afirma que as Escrituras têm o poder de comunicar a sabedoria que conduz à salvação pela fé em Jesus Cristo. Para o judeu a sabedoria não se apresenta meramente como capacidade intelectual, mas como capacidade de ouvir a Palavra do Senhor com todo o coração. O coração em hebraico significa a totalidade humana. Local onde se operam as decisões mais profundas. É o local onde sou o que sou. É onde Deus opera suas grandes maravilhas e de onde emerge a sabedoria humana. “Deus fala/ seduz o coração” (Os 2,16). Em Dt 6,5: “ame a Javé seu Deus com todo o seu coração, com toda a sua alma e com toda a sua força”. É amá-lo na mais intensidade possível da vida, com todo o princípio vital. Significa não haver espaço para nenhum ídolo. Portanto, é dentro deste coração que podemos compreender a força do Espírito que nos conduz à sabedoria e à metanoia cotidiana.

Assim, o homem e a mulher sábios são aqueles que se deixam plasmar pela Palavra e a põe em prática. Colocar a Palavra em prática é comunicá-la com atitudes e palavras. Esse modo de ser conduz à salvação pela fé em Jesus Cristo.

Nesse sentido, na Carta aos Hebreus, Paulo reconstrói a história de nossos pais e mães na fé (Hb 11). Eles foram sábios e comunicaram a riqueza que experimentaram, mas, conforme Paulo, foram aprovados por Deus pela fé que tinham, mas nenhum deles alcançou a promessa” (Hb 11,39). Somente retomando as Escrituras, compreenderemos a história de fidelidade, da promessa, da contradição do povo e da aliança amorosa de Deus que se concretiza historicamente: “E o Verbo se fez carne e habitou entre nós” (Jo 1,14), eis a promessa que nossos antepassados na fé não viram! A fé que herdamos é histórica, sapiencial e prospectiva. Ela projeta para... e quem tem fé a comunica. Não suporta ficar com o conteúdo da experiência para si... Os pastores e os magos correram para ver a Palavra Encarnada (Lc 2,15s; Mt 2,9-11), Madalena e os discípulos correram para ver a Palavra final sobre a morte (Jo 20,1-10).

Sendo assim, a Vida Consagrada tem um ministério de suma importância, a de imbuir da Palavra de Deus e, através dela, comunicar a sabedoria. Como os pastores e magos que correram para adorar a Palavra Encarnada e Madalena e os discípulos para comprovarem a Palavra final sobre a morte, todos foram tomados de alegria.

O mundo pós-moderno prima muito pelo conhecimento e desfrutamos do bem-estar e ambivalências resultantes desse processo. A sociedade ocidental pautou-se de tal forma no conhecimento científico e acabou relativizando a sabedoria. É a sabedoria que traz o equilíbrio à vida. Nesses termos, a Vida Consagrada é vocacionada à sabedoria e a comunicá-la em um mundo de tantos desequilíbrios. A sabedoria que comunicamos não é mensurável, pragmática, mas convoca à busca de valores.

3. A pedagogia da Palavra: levar à perfeição e preparar para toda obra

O Salmo 118 assevera: “tua palavra é lâmpada para os meus pés, e luz para o meu caminho” (Sl 119[118],105). Esse versículo carrega consigo uma sabedoria pedagógica ao retomar

a imagem dos pés e do caminho e se coloca em sintonia com a finalidade que Paulo atribui à Escritura: ensinar, refutar, corrigir, educar na justiça. A Escritura contém a experiência de caminhada do povo de Deus. Nela se pode perceber a pedagogia divina, levando esse povo a superar as próprias contradições. Nos seus diferentes gêneros literários, faz um raio X do povo e da sociedade na qual cada texto foi gerado. Nesse sentido, é importante o olhar crítico para identificar quando a imagem de Deus é manipulada por interesses próprios. As constantes críticas de Jesus aos fariseus e doutores da Lei são porque eles querem impor uma imagem de Deus que não corresponde àquele do *Abbá*, Senhor da História, que ouve e vê o clamor do seu povo e desce para salvá-lo, levando-o à terra prometida (Ex 3,7).

A Vida Consagrada é caminhante, exodal, kenótica. Sempre está a caminho. No entanto, houve/há momentos em que ela pisou/pisa em armadilhas que não a deixaram/deixam seguir avante. A Palavra, com sua luz, ajuda-nos a não tropeçarmos ou a cairmos em determinadas armadilhas próprias da escuridão. Em muitas situações, as noites escuras na Vida Consagrada ou a experiência de desolação assolam aqueles(as) que seguem Jesus. E é importante a luz para encontrar o caminho da consolação. Mas bastaria somente a luz para iluminar os caminhos? Talvez somente ter a luz não é suficiente. Nesse sentido, as pessoas cegas nos fazem pensar. Elas não veem a luz! Mas desenvolvem uma sensibilidade profunda por meio da audição e das sensações e passam, mesmo no escuro, a descobrir as armadilhas e a encontrar os seus caminhos e a superar obstáculos. Na Vida Consagrada não basta ter a Escritura como luz (quicá um uso instrumentalizante dela), mas temos que escutá-la e contemplá-la. Somente assim descobriremos nosso verdadeiro caminho e realmente atingimos a Luz do mundo.

Pela sua longa tradição, a Vida Consagrada é chamada a ser uma hermenêutica da real imagem do Deus misericordioso que se compadece das multidões, tendo sempre em vista que não é detentora dessa Palavra, mas sua comunicadora. A imagem que sintetiza essa missão da Vida Consagrada é

Maria ao concluir o seu diálogo com o anjo: “eis aqui a tua escrava, faça-se em mim a tua Palavra” (Lc 1,38). Em seguida, ela sai percorrendo as montanhas da Judeia para visitar Isabel, a estéril, que por acreditar na Palavra a vida acontece.

Somos chamados a discernir entre o ídolo e o verdadeiro Deus e isso é possível através da escuta profunda, da oração e da luz do Espírito que abre a nossa inteligência para distinguirmos entre a real voz de Deus e a do ídolo. A Escritura nos contrasta com a verdadeira imagem de Deus que a Vida Consagrada está adorando. Ela ajuda a distinguir o verdadeiro Deus dos ídolos. Deus cura o coração, renova-o; o ídolo o fere, porque nos faz apaixonar por ele, depois não corresponde ao nosso amor. Deus é fiel.

Na encíclica *Lumen fidei*, o Papa Francisco afirma:

Diante do ídolo, não se corre o risco de uma possível chamada que nos faça sair das próprias seguranças, porque os ídolos “têm boca, mas não falam” (Sl 115,5). Compreende-se assim que o ídolo é um pretexto para se colocar a si mesmo no centro da realidade, na adoração da obra das próprias mãos. [...] Por isso, a idolatria é sempre politeísmo, movimento sem meta de um senhor para outro. A idolatria não oferece um caminho, mas uma multiplicidade de veredas que não conduzem a uma meta certa, antes se configuram como um labirinto. Quem não quer confiar-se a Deus, deve ouvir as vozes dos muitos ídolos que lhe gritam: “Confia-te a mim!”. A fé, enquanto ligada à conversão, é o contrário da idolatria: é separação dos ídolos para voltar ao Deus vivo, através de um encontro pessoal (*Lumen fidei*, n. 13).

Podemos perceber que a Palavra, como dimensão fontal da nossa vida, traz elementos para nos ensinar a sermos discípulos, para refutar os caminhos dos ídolos que não levam ao aprendizado do discipulado, mas à confusão e a nos educar na justiça para que compreendamos, de fato, aquilo que Deus quer de nós, para que possamos responder aos seus desígnios.

4. O que precisamos escutar

A Palavra de Deus nos faz os seguintes questionamentos hoje: qual é a Vida Consagrada que estamos vivenciando no contexto atual? Se nas Escrituras, Deus fala na historicidade de um povo, hoje ele continua falando nos diferentes contextos que vivemos e que são muito mais complexos do que no passado. Isso exige ainda mais ouvidos atentos para não confundirmos a voz de Deus e voz do ídolo. Mas penso que algumas interpelações essa Palavra Viva nos faz pensar uma Vida Consagrada que responda aos desafios dos novos tempos. Para isso, ela deve ser:

- *Exodal que conduz os seus membros e o povo de Deus à libertação.* O Papa Francisco tem convidado todos os cristãos a irem às periferias existenciais e do mundo. A Vida Consagrada, como serva, é aquela que se deve colocar a caminho. Com a luz da Palavra, busca caminhar, libertar-se de suas próprias amarras e condicionamentos e celebrar a alegria da Páscoa.

- *Buscar sempre o Amado e possuir o encantamento amoroso.* O Livro dos Cânticos nos faz pensar na nossa opção fundamental. Somente quem ama é capaz de sair à noite à procura do Amado e a dizer: “Grave-me, como selo em seu coração, como selo em seu braço; pois o amor é forte, é como a morte!” (Ct 8,6). Quem ama se arrisca pelo amor. Talvez nesse percurso nos falte a coragem de Nicodemos (Jo 3), sair para encontrar Jesus, na noite das nossas incertezas, dúvidas, contradições e, sobretudo, de perguntar: “Mestre, como é possível nascer de novo?”. Jesus responde nos remetendo ao nascer do Espírito. Biblicamente o Espírito é aquele que reorganiza o caos, dá vida nova, suscita a novidade, é algo dinâmico, a força amorosa que emana da relação trinitária. Todavia, o Espírito não pode operar se não temos um coração aberto ao amor que se materializa na comunidade religiosa e nos nossos destinatários. A escuta da Palavra nos leva a perceber o amor gratuito de Deus. Como fomos, somos e seremos gerados no amor de Deus somos chamados a ser comunicadores desse amor. O encantamento amoroso é o pressuposto básico para a continuidade de nossas

congregações. Se não conseguirmos cultivá-lo e transmiti-lo aos jovens, morreremos...

- *Recordar a profecia.* Recordar é fazer passar por dentro do coração. Se assim o é, a Vida Consagrada é convidada a ser esse sinal de indignação diante de um sistema iníquo que produz pobres, esvaziamentos e ausência de sentido. Os relatos proféticos são um chamado a cada um de nós para escutarmos profundamente o clamor do Deus da História que nos chama através do seu filho Jesus e que nos envia em missão com o seu Espírito. Eis-me aqui, Senhor! É a resposta de quem ouviu profundamente essa Palavra.

- *Atualizar as Escrituras.* Deus fala nos diferentes contextos culturais. Isso faz com que a Bíblia não seja um livro fechado. Deus, hoje, convida-nos, dentro da Vida Consagrada, a escrevermos nossos textos sagrados. Nossa história sagrada é composta por mitos, quedas, pecados, perdão, aliança, fracassos, fidelidade, êxodo, comunhão, paixões, mortes e ressurreições. Acima de tudo, recorda-nos que Deus jamais nos abandona.

- *Ser semente de esperança.* A Vida Consagrada é chamada a ser semente de esperança; os textos sagrados nos recordam situações de desesperança que Deus interveio e fez surgir algo novo. O relato dos ossos ressequidos nos faz pensar sobre a possibilidade de tocar a vida onde ela já está sem forças (Ez 37,1-14).

- *Escutar e guardar no coração.* Diante do Verbo que havia se tornado carne, os pastores avisados pelos anjos vão encontrá-lo. Estão eufóricos e contam o que haviam escutado. Maria guardava esses fatos e os meditava em seu coração (Lc 2,19). Essa atitude de Maria é um convite à Vida Consagrada e aos seus membros a uma escuta constante de Deus que fala pelos acontecimentos. Lá, dentro do coração, esses eventos são guardados, meditados e, com a luz do Espírito, iluminados para que haja o discernimento e a resposta às interpelações do próprio Deus.